



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04

LUCIA FERREIRA MARZAGAO
AV DO CONTORNO 4852/601
SERRA
30110-100 - BELO HORIZONTE, MG

BRASIL CORREIOS
RS
7.6.96
0,22
M.67435
P.77568

G E S T Ã O
TransFORMAÇÃO

í o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 13 • Nº 53
M A I O / J U N H O 1 9 9 6

**"PAPOS CONTRACULTURAIS"
COM O CARTUNISTA ANGELI**




**Um Recorte da
questão dos
"sem-terra"
através da
Psicologia Social.
Por Roseli Carlos
Augusto. Pág. 4**



**Parabólica publica
texto exclusivo
enviado ao JP por
Tomas Szasz, um
dos precursores
da luta antimani-
comial. Pág. 5**



**Luiz Brant
busca espaços
para a palavra
no interior das
organizações.
Pág. 11**



**Resenha:
Benilton Bezerra Jr.
comenta os
"ensaios e escritos
heréticos" de Lúcio
Marzagão. Pág. 13**



MARCELO XABER

Dando continuidade ao processo de reformulação administrativa, o CRP-04 acaba de complementar sua equipe técnica com a contratação de mais duas psicólogas. Denyse Lima Santos Peixoto e Stefane Figueiredo de Oliveira, aprovadas em seleção realizada nos dias 30 e 31 de março, vieram compor a equipe que atenderá às demandas de orientação e fiscalização dos inscritos. O CRP-04 já conta, também, com uma nova técnica administrativa, a administradora Rosane de Pinho Matos, que vem suprir a demanda de organização dos serviços do Conselho. Assim, o 8º Plenário espera estar dando mais um passo no sentido de melhor estruturar a atuação do CRP-04.



Apesar da dificuldade de mobilização da categoria, os psicólogos de Minas Gerais e do Espírito Santo têm demonstrado compreensão quanto à importância do cadastramento que vem sendo realizado pelo CRP-04 na região. O censo tem o objetivo de atualizar e complementar o cadastro de inscritos do Conselho, buscando traçar um perfil do profissional que possibilitará ao CRP-04 melhor corresponder às necessidades dos inscritos, no que se refere ao desempenho da entidade.

Assim, os profissionais têm colaborado e respondido o detalhado formulário que segue o padrão dos censos do IBGE. Este censo é parte de um trabalho que vem sendo realizado a nível nacional e atende à Resolução nº 001/96 do Conselho Federal de Psicologia, que instituiu a sua obrigatoriedade. A atualização dos cadastros das entidades é indispensável para o seu bom funcionamento, e deverá resultar, posteriormente, em um

perfil do psicólogo brasileiro.

Os psicólogos que não puderam se recadastrar até o dia 25 de maio, data limite divulgada anteriormente, podem fazê-lo ainda. Em caso de dúvidas a respeito do formulário, contactar a psicóloga Carla Almeida pelos tels. 261.1146 (grande BH) e 0800.311146 (outras localidades).



Muitos têm reclamado da demora do *Jornal do Psicólogo*, que tem chegado atrasado às mãos dos leitores. A equipe do JP reconhece que o atraso realmente vem acontecendo e é prejudicial a algumas seções dependentes de datas, como o caso da *Agenda*, que traz a divulgação de eventos. No entanto, gostaríamos de esclarecer que a solução do problema não depende de nós, pois está relacionada às dificuldades enfrentadas pelo correio no momento. De acordo com funcionários do ECT, o serviço teve um aumento em sua utilização de aproximadamente 60% (atribuído ao Plano Real), o que prejudica bastante a correspondência postada como "impresso", que é o caso do JP. Os impressos são a forma viável das entidades enviarem suas correspondências e publicações devido ao custo mais baixo, mas ao chegarem no centro de triagem demoram mais que as correspondências emitidas como "carta". No entanto, seria inviável para o CRP-04 postar 11.000 jornais como carta. Assim, a edição anterior do JP já estava pronta no final de março, mas acabou demorando até um mês para chegar a alguns leitores. A equipe do JP pretende, na tentativa de suavizar o problema, considerar os atrasos ao elaborar o cronograma do jornal. Pedimos desculpas pelo transtorno e contamos com a compreensão de todos.

Novos alicerces para a Psicologia

Em tempos de "vida pública" em baixa, pouca participação em projetos coletivos, individualismo exacerbado e descrença nas instituições, a atividade política torna-se um desafio para os que querem desenvolvê-la em qualquer nível. Mas é precisamente neste momento que tal atividade se torna mais necessária. Sendo assim, o CRP-04 vem procurando desempenhar o seu trabalho no sentido de se aproximar cada vez mais das demandas da categoria e se tornar uma entidade não apenas de fiscalização, mas também de orientação e debate das questões em torno da profissão.

Ciente da demanda por melhorias em seu funcionamento, o Conselho está realizando profundas mudanças em sua estrutura, o que tornará a entidade mais ágil e mais acessível a todos os inscritos. Os recursos humanos e os processos administrativos estão sendo dinamizados e os procedimentos básicos estarão, em breve, totalmente informatizados, o que implica em economia de tempo e maior qualidade dos serviços do Conselho.

Além das mudanças em sua estrutura básica de funcionamento, o CRP-04 está dinamizando a sua área técnica, setor em que o psicólogo se relaciona com a entidade já em outro nível, seja no que toca a questionamentos em relação ao seu trabalho, seja referente ao apoio que o Conselho pode lhe prestar, suprimindo as informações de que necessitar. Isso se dará principalmente através das Câmaras - de Psicologia Educacional, de Psicologia Social, de Ética e de Orientação e Fiscalização - e da Coordenadoria Técnica.

Simultaneamente à reforma administrativa, o CRP-04 está realizando o seu II Congresso Regional da Psicologia (ver pág. 15), quando as questões mais urgentes relativas à profissão serão amplamente debatidas, entre elas a formação profissional e a lei 4.119, de regulamentação da profissão, além de vários temas referentes ao exercício profissional, como as práticas alternativas. O resultado do encontro será parte do II Congresso Nacional da Psicologia, que reunirá mais de 180 psicólogos em Belo Horizonte no final de agosto.

O chamado cadastramento dos psicólogos é outro trabalho que está sendo realizado pelos Conselhos Regionais em todo o país, devendo resultar em um melhor desempenho da entidade. Através do cadastramento, o CRP-04 terá uma panorâmica da atual situação de seus inscritos, podendo, a partir daí, traçar estratégias de trabalho que correspondam às suas demandas. Os psicólogos da 4ª Região têm compreendido a importância do processo, respondendo o formulário e enviando-o ao Conselho. Tal procedimento é essencial para o bom desempenho de qualquer entidade, e deve ser realizado periodicamente, para que os dados estejam sempre atualizados.

Enfim, em quase oito meses de gestão, o 8º Plenário vem desenvolvendo estas três frentes de trabalho - a reforma administrativa, o cadastramento e a realização do II CRP. Reorganizada a estrutura, partiremos para vãos mais altos, no sentido de transformar a entidade em uma referência efetiva para os psicólogos de Minas e do Espírito Santo e em um espaço onde a Psicologia esteja sempre em constante debate e constante desenvolvimento.

VIII Plenário - TransFORMAÇÃO

BASTIDORES DO JP

Hoje, quando diversos segmentos têm se manifestado vigorosamente a favor de um tratamento mais digno aos chamados loucos, o *Jornal do Psicólogo* traz um texto exclusivo enviado por Thomas Szasz. Psiquiatra norte-americano, é um dos precursores da luta antimanicomial a nível mundial, juntamente com David Cooper e Franco Basaglia. O leitor irá constatar na página 5 a lucidez e coerência das suas posições, iniciadas ainda na década de 50.

Na página 13, temos a resenha enviada por Benilton Bezerra, do livro "Psicanálise e pragmática: ensaios e escritos heréticos", do

nosso colega e colaborador Lúcio Marzagão. O livro foi lançado recentemente em Belo Horizonte. Vale à pena conferir!

Nosso entrevistado neste número é o cartunista e chargista Angeli, criador de diversos personagens, tais como os Skrotinhos, Walter Ego, Meia Oito, Nanico e muitos outros encontrados nas tiras dos principais jornais brasileiros. Dono de um humor inteligente e demolidor, ele se consolidou como um dos mais importantes chargistas nacionais, demonstrando que, às vezes, realmente uma imagem vale mais que mil palavras.

E são com as palavras de Nilza Féres e com nosso reconhecimento que homenageamos um dos mais queridos e importantes colegas: Pedro Parafita Bessa. Temos tido o privilégio de contarmos com ele em nosso meio. O leitor irá encontrar um resumo significativo da sua trajetória pela Psicologia, na última página. E fechamos mais uma edição. Até breve!

PS: E a propalada eficiência dos correios? Onde andará?

Ricardo F. Moretzsohn

Coordenador da Câmara de Comunicação Social

Neste número, Revista conta com a colaboração da historiadora Luciene dos Santos, que comenta o filme "Terra Estrangeira", de Walter Salles Jr. e Daniela Thomas, uma das películas da nova safra brasileira. A autora do artigo é professora de Cinema da Eba/UFMG e ex-presidente do CEC - Centro de Estudos Cinematográficos.

Essa estranha terra estrangeira

Luciene dos Santos

Ser estrangeiro, ou estar estrangeiro?

Estar estrangeiro significa ter deixado a segurança do antigo lar, dos amigos, do trabalho, da família, dos lugares conhecidos, as referências que nos identificam com a nossa própria vida.

Olhar uma paisagem familiar é nos reconfortar com algo que nos remete a um tempo passado, a uma doce infância, a um mundo que podemos percorrer de um lado a outro, sem surpresas.

Há um encontro perfeito entre o mundo visível, que está fora, e o mundo interior, subjetivo, mundos estes que estão não somente interligados, mas ordenados, organizados numa lógica que combina equilíbrio e reciprocidade.

Quando o mundo do vivido não mais nos satisfaz, buscamos sair, partir, realizar uma viagem exterior que nos conduza a uma viagem interior, mudando definitivamente nossos limites internos e externos. Viajar implica sempre em desorganizar esses mundos, para, em seguida, reconstruir novas possibilidades, rever o passado e aprender a olhar as coisas com outros olhos - olhar irreverente, subversivo, que não se acomoda facilmente no que vê.

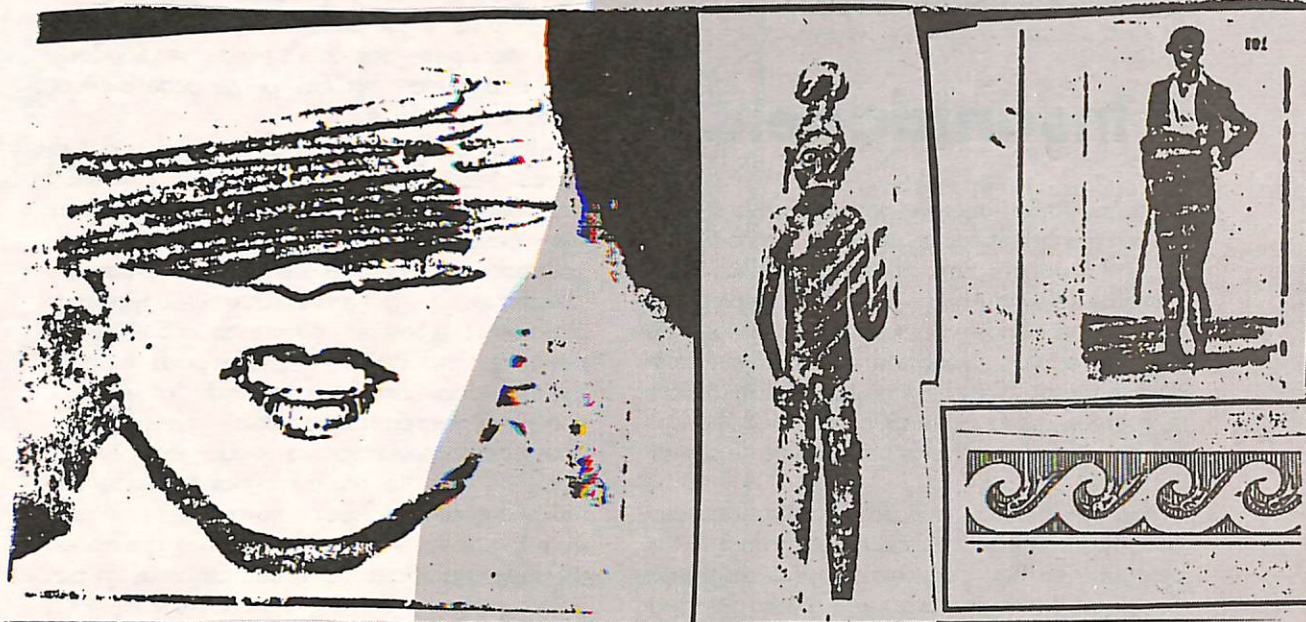
Ser estrangeiro é viver sempre o desencontro desses mundos, a impossibilidade da conformação daquilo que se é com aquilo que se vê. É ter a certeza de que essa ruptura é definitiva, é irreversível.

O filme "Terra Estrangeira" - direção e roteiro de Walter Salles e Daniela Thomas - nos coloca no interior dessa discussão. Manoela, uma espanhola radicada no Brasil, sonha com a possibilidade de rever a sua cidade natal, San Sebastian. Ela quer levar seu filho, Paco, para conhecê-la, e procura lhe ensinar a dura lição de ser estrangeiro.

Mas este é um conhecimento que não se pode ministrar, perpassa o campo efetivo do experienciar, não pode ser apreendido através da experiência alheia, mas exige que seja vivenciado.

E sendo assim, Paco, na contingência do destino, levado por circunstâncias impostas por uma ação política, inserida num momento particular da história brasileira¹, acaba desembarcando em Portugal e tornando-se estrangeiro. Antes disso, o personagem encontrava-se insatisfeito, sem muitas perspectivas, e alimentava o desejo de seguir a carreira de ator. Com a repentina morte de sua mãe, sente-se isolado, perdido no tempo, indefinidamente só.

É extremamente significativa a sequência em que está no banho e as águas rolam por debaixo da porta, vagarosamente vão invadindo todo o espaço da casa. Utilizando um recurso cinematográfico - a metáfora², consegue-se apontar, aqui, várias reflexões - como as de Heráclito - "não podemos nos banhar duas vezes nas mesmas águas de um rio", o que implica na idéia de movimento. Paco está imóvel, estático debaixo do chuveiro, mas não pode conter o tempo, que se move, lava seu corpo e o renova.



MARCELO KRAISER

Em Portugal, Paco conhece Alex, garçom brasileiro, cujo namorado, também emigrante brasileiro, é músico e está envolvido em negócios ilícitos, dos quais Paco ingenuamente irá participar. A marginalidade muitas vezes constitui-se na única esperança para aqueles que desejam sair da condição de estrangeiros e retornar a seu país de origem. Paco consegue, através de Alex, encontrar um porto seguro, uma referência familiar. Estão juntos, na mesma condição, associados a bandidos, perdidos numa terra estranha e completamente solitários.

Para elucidar essa solidão, são trabalhados vários planos gerais e *plangêe*³ das paisagens locais, imagens poéticas que indicam o limite do ser frente aos grandes espaços vazados que invadem a tela, encham os olhos do espectador e criam a sensação de estranhamento, de monumentalidade da natureza que ao mesmo tempo esmaga e oprime, revelando e desvelando a insignificância do ser humano. Tais imagens são incômodas ao olhar desavisado do espectador que espera apenas um filme de ação, que não está disposto a ver na própria forma plástica a riqueza de um discurso.

Nesse momento, é possível referendar o dizer de Sérgio Cardoso - "o olhar, sabemos, não descansa sobre o plano amplo e espaiado que define um horizonte, mas procura barreiras e limites, perscruta suas diferenças e vazios... e a visão inocente distendida e distraída vacila, estaca e atende, convoca o olhar, contrai-se no foco vertical da atenção, no impulso de envolver o novo - e quase sempre - na tentativa vã de devolver à paisagem sua integridade"⁴.

Outro grande momento do filme que podemos destacar é a reutilização da metáfora para explorar os sentimentos dos personagens e as possibilidades filosóficas: um navio encalhado e o casal

abraçado, na praia, em primeiro plano. A riqueza da cena já nos indica a finalização do filme. Com o navio é possível transpor as águas do mar, mover-se no espaço e tempo e atingir outro porto. Mas o navio está atracado, próximo à praia, não atingiu seu objetivo, perdeu-se no meio do movimento. A vida dos personagens está, em analogia ao navio, "encalhada" naquele país. Surge aqui uma forte identificação do mundo exterior com o interior.

Finalmente as últimas sequências - Paco e Alex estão em um pequeno carro que desliza numa estrada contínua, recorrendo novamente à *contraplangee*, em direção a San Sebastian. Paco, ferido, agoniza no colo de Alex, é impossível o encontro dos dois corpos, que sozinhos naufragam nas águas do insólito destino. Ao fundo a música de Gal Costa, hino do movimento hippie nos anos 70, rasga nosso inconsciente, provoca um desconforto no peito e anuncia - o sonho acabou. Alusão perfeita ao fracasso dos projetos sociais preconizados nos anos contraculturais e ao pequeno sonho de Paco e Alex, que representam uma geração - anos 90 - que acreditou na solução de se viver como estrangeiro em outras nações poderosas e ricas, uma vez que o Brasil não encontra o caminho da modernidade e do progresso.

1 - A mãe de Paco morre ao saber, através da TV, que o governo Collor havia confiscado o dinheiro da poupança.

2 - Metáfora cinematográfica - utilização de uma imagem que nos remete a uma situação ou fato.

3 - A câmera filma de cima para baixo, dando a impressão de esmagamento, designando um olhar de superioridade.

4 - CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante. In: O Olhar. Adauto Novaes (org.). São Paulo, Companhia das Letras, pág. 348.

Nesta edição, o JP traz um Reportagem da questão dos sem-terra, um dos temas mais caros à conquista da cidadania no Brasil e que foi colocado em evidência nos últimos meses, devido à maior organização do "Movimento dos Sem-Terra" e ao acirramento de seus embates com as forças policiais. Para comentá-lo, contamos com a psicóloga Rosely Carlos Augusto, mestre em Psicologia Social e assessora do Instituto Marista de Solidariedade.

Insanidade...

Fui solicitada a escrever para este jornal sobre a marcha dos trabalhadores sem-terra, que no dia 10 de abril chegou a Belo Horizonte empunhando o sonho da Reforma Agrária e de mais emprego no campo e na cidade. Por todo o país milhares de famílias - adultos, crianças e velhos, caminharam durante mais de 10 ou 15 dias vindos do interior para as grandes capitais reivindicar do INCRA e dos Governos Estaduais a velha promessa de democratizar a terra.

Em Minas Gerais mais 300 trabalhadores sem terra e sem emprego caminharam cerca de 340 Km para expor em Belo Horizonte a intolerável situação de continuarem em acampamentos à beira das estradas ou enfrentando a hostilidade dos grandes fazendeiros.

Bem organizados e pacíficos, caminharam sem desanimar, ganhando apoio e adeptos por onde passavam. No entanto, a menos de 20Km de Belo Horizonte, um lamentável incidente marcou com brutal violência a última etapa da caminhada. Foram cercados por um Batalhão de Choque da PM, que cumpria mandato judicial de apreensão de ferramentas, consideradas armas brancas. Os trabalhadores recusaram-se a entregar as ferramentas, propondo, no entanto, depositá-las na Assembléia Legislativa ou na sede da CUT, a fim de não perderem seus instrumentos de trabalho. E antes mesmo de concluírem as negociações os policiais, com cassetetes e cães treinados, resolveram tomar à força as ferramentas. Foi uma cena triste. Mordidas de cães, espancamentos, 18 pessoas presas e vários feridos. Por quê esta violência? O que há de errado em se propor uma distribuição regional da terra que garanta às famílias de lavradores trabalho e condições mais dignas de viver?

Antes mesmo de podermos concluir sobre esta notícia, fomos todos abalados por outra atrocidade que se abateu sobre famílias igualmente de sem-terra, que, no Pará, também gritavam por soluções, justiça e terra para viver. "Jagunços de farda", legitimados pela ordem do Governador do Estado e de seus superiores praticaram um verdadeiro massacre sobre o acampamento daquelas famílias, matando seus líderes, crianças e mulheres, que tinham como armas o sonho de uma vida melhor e com certeza a indignação de séculos de injustiça e de exclusão política e social. O Brasil permanece sendo o segundo país de maior concentração de terra e o de maior desigualdade entre ricos e pobres do mundo. A orga-

nização destas famílias são a prova da urgência de uma Reforma Agrária que aumente a produção agrícola, combata a miséria, o desemprego, mate a fome. A terra deve cumprir a sua função social. Sem a reforma agrária a história se repete nos morros, vilas e favelas das cidades, desencadeando uma rede de carências e de desrespeitos à cidadania de contingentes cada vez maiores da população. Assistimos desde os anos 60 a uma verdadeira guerra civil no interior do país, com mais de 1000 assassinatos seletivos de líderes dos trabalhadores e de religiosos e advogados que os apóiam e defendem. Temos ainda hoje, depois de décadas de lutas e conflitos diários no campo, cerca de 4,8 milhões de famílias de sem-terra condenados à miséria e à violência. Situação que insiste em manter o Brasil na agenda do atraso e do passado e em produzir modos de subjetivações brasileiras paradoxalmente com contornos e "desencontros" entre mentalidades "avanzadas" e "colonizadas" (Figueiredo, 1995).

A todos neste país com a mínima sensibilidade ficou a pergunta - por quê, o que pode explicar tamanha atrocidade?

Muitos já demonstraram como a violência tem causas diversas, sendo ela mesma plural. Para além dos interesses econômicos e políticos das oligarquias rurais presentes nos conflitos pela terra no Brasil, podemos arriscar outros elementos de compreensão.

Para nós, que nos recusamos a ver se repetirem atos insanos e bárbaros como estes, não podemos aceitar respostas cínicas formuladas pelas autoridades constituídas como as que ouvimos: "os sem-terra estavam ali para perturbar a ordem", "a responsabilidade é deles que estavam na estrada, atrapalhando o trânsito", "o que houve foi excesso de zelo e radicalização dos líderes do movimento", e até mesmo pelo próprio Presidente da República, que rotulou os movimentos de protesto de "pequenos grupos políticos na tentativa de explorar cadáveres e jogar a culpa em quem não tem".

E o que é mais deprimente é que mesmo diante de tanta violência, que tudo indica foi praticada com crueldade premeditada e seletiva por parte de fazendeiros contra os líderes do movimento dos sem-terra no Pará, muitos ainda se mostram indiferentes, não se sentem escandalizados ou envergonhados e outros até mesmo buscam justificativas absurdas. Atitudes que evidenciam um flagrante rebaixamento de nossa capacidade de nos indignarmos. A indiferença frente à perversidade, ao lado dos burocratas do terror, revelam uma triste faceta da racionalidade moderna individualista e utilitária. O que num país de tantas contradições sócio-econômicas como o nosso pode levar a um rompimento perigoso do tecido social. E deixar o caminho aberto para que massacres e chacinas contra crianças, presos enjaulados ou trabalhadores sem-terra continuem se repetindo.

Outros sinais poderiam, talvez, explicar a incompreensível violência policial que se repetiu nestes dias contra trabalhadores pobres no Pará. Há uma mudança clara nas últimas décadas, e muitos teóricos a registram, na representação das classes pobres no país ou dos excluídos sociais, como é mais comum chamar hoje os setores economicamente empobrecidos e indigentes da sociedade atual. O excluído anterior, como o escravo, era não apenas necessário como indispensável à economia da época. Hoje, "os herdeiros da escravidão" (SALES, 1987), entre outros, são considerados teoricamente como cidadãos, mas "desnecessários" do ponto de vista da produção. Nos dias atuais a imagem do pobre é a de um ser potencialmente perigoso. O pobre é um bandido em potencial. Mesmo em propaganda de órgãos reco-

nhecidamente defensores dos direitos humanos, ele emerge desta maneira: "na ausência de uma sopa, pega uma faca" (NASCIMENTO, 1994). A construção desta imagem é constantemente confirmada pelos exemplos de violência urbana. E exemplos de massacres como estes, praticados contra homens, mulheres e crianças, reforçam a visão de que gradativamente os excluídos são considerados uma subespécie humana e uma representação social de sua desnecessidade começa a ser disseminada.

Não seria esta representação social de trabalhadores rurais pobres e lutando por terra, vistos como perigosos, a imagem presente na mente e na ação daquele soldado que ali cumpria uma ordem? E a ordem que vinha das autoridades superiores: "limpem a área, retirem dali aqueles que atrapalham o trânsito", não era uma metáfora! Como estes policiais pensariam, ou representariam as próprias ações? Muito possivelmente, como cumpridores da lei. Na avaliação deles não estariam prestando um serviço à coletividade livrando-a de "elementos" (jargão policial) inoportunos e perigosos à sociedade? E no clima de descrença institucional e desestruturação social em que vivemos, a porta está aberta a que cada um faça a sua lei. Os latifundiários sempre o fizeram, o coronel, o governador e os soldados também fazem as suas próprias, certos da institucionalização da transgressão e da impunidade no país. Com isto se fecha o círculo da disseminação da indiferença social e da perda do sentido e do conteúdo da vida.

SUELY ROLNIK dá a este tipo de sociabilidade e subjetivação que vai se configurando no mundo, "tutelada pelo terror e incapaz de problematizar sobre o "mal-estar", o nome de subjetividade "sentinela-zumbi". Esta subjetividade reificada, cristalizada no desconhecimento do caráter processual da existência é construída na base da dupla exclusão da cidadania, enquanto reconhecimento do outro e da diferença como possibilidade de se alcançar um sentido novo para o conflito. Segundo ela, a subjetividade sentinela-zumbi, "surda ao apelo da invenção de sentido, quando é isto o que se impõe para garantir a potência criadora da vida, agirá mobilizada pela vontade de sabotar todo e qualquer movimento de criação. Com a vida assim, acuada, há grandes chances de se produzirem situações devastadoras: é que a qualidade da vida tem a ver com o grau com que esta se afirma e este grau depende do quanto se estão encontrando modos de expressão para as diferenças que vão se produzindo nas misturas do mundo" (p.9).

Nós, profissionais da saúde mental, que temos recursos a oferecer na melhora da qualidade de vida individual e coletiva, podemos certamente contribuir no processo de reinvenção do sentido da vida, da democracia e da cidadania no país, enquanto reconhecimento de sujeitos autônomos, desejantes e abertos ao poder de reinvenção da diferença e do conflito. Em outras palavras, o convite a nós, profissionais da Psicologia, é o de colocar os nossos recursos na "escuta" ao grito dos que querem-sonhar, querem-comer, querem-terra, querem-casa, querem-emprego, querem-futuro, querem-ter direito de ter direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FIGUEIREDO, Luis C. Modos de Subjetivação no Brasil - e outros escritos, São Paulo: Editora Escuta, 1995.
- NASCIMENTO, Elmar P. Exclusão: a nova questão social. In: Proposta, Rio de Janeiro, FASE, nº 61, p. 40-43, maio de 1994.
- ROLNIK, Suely. Cidadania é alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia., mimeo., 14p., 1992
- SALES, Tereza. Os herdeiros da escravidão. In: Novos Estudos CEBRAP, n. 19, p. 143-152, dez., 1987.

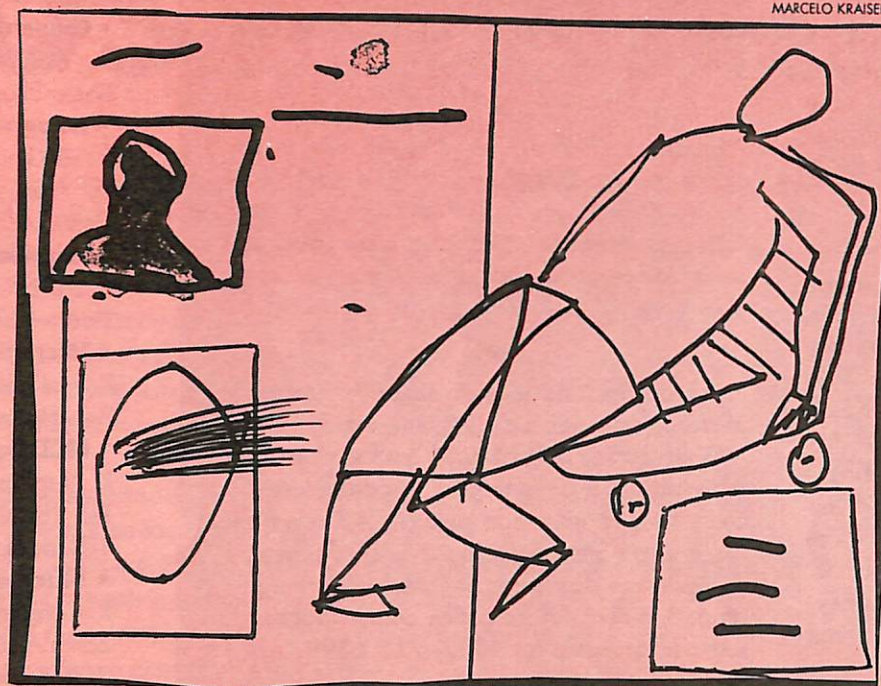
O Conceito de Doença Mental

Por Thomas Szasz

Neste número, Parábola conta com a ilustre colaboração de uma autoridade em Saúde Mental - trata-se do Dr. Thomas Szasz, professor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Syracuse / State University of New York. Mister Szasz é considerado o pai da antipsiquiatria e um dos criadores do movimento que luta por novos parâmetros de tratamento do doente mental, ao lado de Ronald Laing, David Cooper, Franco Bassaglia e Castell.

Na década de 50 comecei a montar uma crítica sistemática às doutrinas básicas da teoria e prática da psiquiatria, a saber, que as enfermidades mentais são doenças e que a hospitalização involuntária é um tratamento. Em 1960 cunhei a frase "mito da doença mental" para identificar a natureza intrinsecamente metafórica da idéia de doença mental, para alertar o público dos perigos de se considerar comportamentos angustiados ou angustiados como doenças, e para abalar a legitimidade moral das justificativas e coerções psiquiátricas. A alegação de que doenças mentais não existem não implica, é claro, que experiências pessoais angustiadas e comportamentos desviados não existam.

Ninguém acredita que a paixão seja um distúrbio (literalmente). Mas quase todo mundo acredita que a doença mental seja um distúrbio, e na realidade, ninguém compreende que, se tal fosse verdade, provar-se-ia a não-existência de doenças mentais. Se doenças mentais são doenças do cérebro (como o parkinsonismo), então elas são doenças do corpo, não da mente, e se elas são indicações dos comportamentos (como abuso da natureza) então elas são (maus) comportamentos, não doenças. Entretanto, a mente moderna está tão completamente "medicalizada" ("psiquiatralizada") que é inútil demonstrar as concepções lógicas e linguísticas errôneas inerentes à alegação de que "a doença mental é como qualquer outra doen-



MARCELO KRAISER

ça". A menos que um indivíduo esteja preparado para desafiar as forças combinadas do Estado, ciência, medicina, lei e opinião pública, ele deve acreditar - ou pelo menos fingir acreditar - que doenças mentais são doenças do cérebro; que os cientistas identificaram as lesões somáticas que causam tais doenças; e que os psiquiatras possuem um tratamento eficaz para elas.

Esclarecimento linguístico, tal como o que acabei de oferecer, é útil para pessoas que queiram pensar claramente, independentemente das consequências. Entretanto isto não é útil - na realidade, é prejudicial para as pessoas que queiram respeitar as instituições sociais cuja integridade se apóia em usos literais de metáforas básicas; que queiram ter carreiras bem sucedidas naquelas instituições; ou, talvez, mais importante ainda, que queiram utilizar-se dos serviços oferecidos por aquelas instituições. Toda vez que alguém invoca o nome "doença mental", devemos perguntar: *Cui bono?* (quem lucra? [com o artifício]). Muitas pessoas têm membros da família a quem querem controlar por meio de intervenções psiquiátricas coercivas, sancionadas pelo Estado. Aqui existia e continua a existir a engrenagem que conduz à idéia de doença mental *qua bona fide* e justifica as intervenções e as instituições baseadas nesta idéia.

Minha tese pode ser expressada novamente da forma a seguir. A existência de uma doença cerebral - por exemplo, um astrocitoma - é descoberta. Radiologistas identificam o tumor, neurocirurgiões verificam sua presença pela observação da lesão a olho

nu, e patologistas confirmam o diagnóstico através de métodos histológicos. Em contraste, a existência de uma doença mental - por exemplo, esquizofrenia - é declarada. A doença que se alega que o indivíduo possui é identificada por psiquiatras que diagnosticam o seu desvio de comportamento como esquizofrenia, outros psiquiatras confirmam o diagnóstico enviando-o a um hospital psiquiátrico, onde ele exercita o direito de recusar o tratamento, e um juiz confirma o diagnóstico ao declará-lo mentalmente incompetente para recusar o tratamento.

Devido ao fato do conceito de doença mental combinar uma conceitualização errônea (de não-doença como doença), com uma justificativa imoral (da coerção como cura), seu efeito é uma faca de dois gumes: ele corrompe a linguagem e restringe a liberdade e a responsabilidade. Portanto, minha crítica ao conceito também é dual, uma conceitual e filosófica, a outra política e consequencial. Minha crítica conceitual focaliza a distinção entre os usos literais e metafóricos da linguagem, minha crítica política, a distinção entre tratar pessoas adultas como adultas (possuidoras de vontade livre, direitos e responsabilidades), ao invés de tratá-las como se elas fossem bebês ou idiotas (desprovidas de vontade livre e direitos e responsabilidades).

Em 1963, cunhei o termo "Estado Terapêutico", para alertar tanto os profissionais quanto o público dos perigos escondidos na tendência dos estados modernos de classificar desvios de comportamento como doenças (men-

tais), os autores desses desvios como pacientes (mentais), e as intervenções que almejam aliviar as insatisfações pessoais e o desvio social como tratamentos (mentais). Quais são esses perigos? Eles são, sucintamente, os seguintes: 1) legitimar a crença, e habituar os americanos à idéia de que é dever do governo proteger adultos competentes de si mesmos; 2) minar a ligação dos indivíduos, e até mesmo sua verdadeira compreensão, das limitações governamentais; 3) confundir e perverter o critério médico de doença e tratamento (ao definir certas "más" escolhas como doenças e certas "boas" coerções como tratamentos); 4) abalar a auto-disciplina e o respeito à responsabilidade, ao se isentar as pessoas da responsabilidade por seus atos (por causa de doença mental), e abalar a Regra da Lei substituindo sanções penais por (assim chamados) tratamentos psiquiátricos; 5) converter o relacionamento entre médico e paciente de um contrato entre dois adultos responsáveis, por uma relação de dominação-dependência; 6) transformar os médicos em monopolizadores de diagnósticos, drogas e tratamentos; 7) ajudar e encorajar a conversão da lei de delito civil num instrumento de redistribuição econômica, e o princípio do *caveat emptor* para o do *caveat venditor*. Em síntese, a ideologia da doença mental está tornando os americanos crescentemente dependentes de um estado caprichoso e paternalista.

No seu grande trabalho sobre *Lei Antiga*, sir Henry Maine articulou sua famosa proposição geral: "O movimento das sociedades progressistas tem sido até agora um movimento da situação legal para o contrato". A ideologia da doença mental é talvez a mais importante manifestação de uma radical reversão deste movimento. Lentamente, mas certamente, as condutas políticas ocidentais estão revertendo de administrações limitadas baseadas em relações contratuais entre adultos, para Estados Terapêuticos não-limitados, baseados nas relações de poder entre algozes e vítimas, entre os que ajudam e os que são ajudados.

Tradução de Cristiana Menezes

O JP errou ao não divulgar a tradutora do texto "Um caso de cura espontânea em um paciente alcoólatra", do argentino Ernesto Sinatra, publicado na edição passada. O trabalho foi realizado por Rosângela Bicalho Teixeira Resende.

A G E N D A

A Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, do Instituto de Psicologia da USP, promoverá, de 4 a 7 de julho de 96, o curso **Abordagem Interdisciplinar dos Problemas de Desenvolvimento Infantil**. Coordenado por Alfredo Jerusalinsky, o evento conta com a participação da Faculdade de Educação da USP e com o apoio da pós-graduação da PUC-SP. Estarão presentes profissionais do Centro Lydia Coriat, de Buenos Aires, que atende crianças com problemas de desenvolvimento. Estão programados seminários de Psicopedagogia, Neuropediatria, Fonoaudiologia e Psicomotricidade, entre outros. Maiores informações pelos tels. (011) 818.4172, 818.4386 e 892.8466.

A Workshopsy Eventos Internacionais promove, com apoio da Milton H. Erickson Foundation, dos EUA, a **Conferência Internacional sobre Psicoterapia Breve**, de 4 a 7 de julho de 96, no Hotel Maksoud Plaza, em São Paulo. O evento abordará a qualidade das psicoterapias e irá reunir profissionais brasileiros e estrangeiros representantes de diversas correntes, como a construtivista, a psicanalítica e a comportamental, entre outras. Maiores informações com a Workshopsy, pelo telefax (019) 231.9955 ou pelo e-mail workshop@dglnet.com.br.

O Instituto Italiano di Psicologia della Relazione realizará, nos dias 12 e 13 de julho, em Belo Horizonte, um curso de **Psicomotricidade pelo método Vecchiato/González**. O curso, que consta da conferência "Psicomotricidade e Relação Psicomotora" e aulas práticas de sensibilização, será ministrado pelo doutor Mauro Vecchiato, psicólogo e psicomotricista italiano que trabalha como formador em Psicomotricidade Relacional na Itália e América do Sul. Informações e inscrições no CEDI - Centro de Estimulação ao Desenvolvimento Infantil, à Rua Brasópolis, 109, Floresta, Belo Horizonte. Tel: (031) 226.2916.

A ABPP - Associação Brasileira de Psicopedagogia promove, de 18 a 20 de julho de 96, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, o **III Congresso de Psicopedagogia e o VII Encontro de Psicopedagogos**. Centrado no mote "a Psicopedagogia em direção ao espaço transdisciplinar", o evento terá conferências, mesas-redondas, colóquios, cursos e apresentação de temas livres. Maiores informações com a secretaria executiva, pelo tel. (011) 873.1822 ou fax (011) 864.4673.

Durante o período de 15 a 17 de agosto de 96 será realizado no Colégio Marista Dom Silvério, em Belo Horizonte, o **II Congresso da Associação Mineira de Adolescência**, juntamente com a I Reunião de Educadores de Adolescentes e a II Reunião do Conselho Superior da Asbra. Serão oferecidos os cursos de "Medicina do Adolescente", "Escola e Família", "Sexualidade", "Ginecologia e Andrologia", "Promoção à Saúde" e "Desenvolvimento Psicossocial". Além

disso, haverá apresentação de painéis, temas livres, vídeos e peças teatrais e promoção de atividades abertas à comunidade. Informações pelo telefone (031) 223.0301.

Será realizado em Montreal, no Canadá, de 16 a 21 de agosto de 96, o **XXVI International Congress of Psychology**, evento realizado de quatro em quatro anos. Informações técnicas com o Dr. Bernardo de Castro pelo telefone (031) 226.7182.

A Faculdade de Psicologia da Unifenas - Universidade de Alfenas/MG realizará, de 26 a 29 de agosto de 96, o seu VII Fórum, com o tema **Ciências, Arte e Loucura: as diversas abordagens do sofrimento humano**. Maiores informações pelo tel. (035) 299.3113.

A Sobrap - Sociedade Brasileira de Psicoterapia iniciará, em agosto de 96, em Juiz de Fora/MG, um curso de **Formação em Psicoterapia Individual de Orientação Psicanalítica**. O curso será coordenado pelo Dr. Adilson Barros e Dra. Stetina Darco e se destina a profissionais das áreas de Psicologia e Psiquiatria. Maiores informações com o Sobrap/Juiz de Fora pelo tel. (032) 212.6399.

Será realizado de 18 a 20 de setembro de 96, no Ouro Minas Palace Hotel, em Belo Horizonte, o **I Congresso Panamericano de Jogos de Empresa e Criatividade - COPAJOS**, uma boa oportunidade para se debater as várias tendências na linha de jogos e criatividade. Maiores informações na MRG Consultoria e Treinamento Empresarial, pelos tels. (031) 463.3188 ou 222.4177.

"O Resgate do Homem: Diferencial Competitivo na Era da Excelência" será o tema central do **VII Encontro Sul-Americano de Recursos Humanos e X Encontro Nacional de Administradores e Psicólogos**, eventos programados para acontecer de 16 a 19 de outubro, em Gramado/RS. Ambos os encontros contarão com a presença de profissionais de expressão de vários estados brasileiros e de outros países, o que possibilitará ampla reflexão sobre a importância dos Recursos Humanos nas organizações do futuro. Inscrições somente até 16 de setembro. Maiores informações pelo tel. (051) 332.9293 ou fax (051) 332.8404.

A Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento das Psicoterapias promove, com apoio da IPF - Federação Internacional de Psicoterapia, o **I Congresso Brasileiro de Psicoterapias**, o **IV Seminário Internacional em Saúde Mental** e o **III Encontro de Práticas Integradas de Grupo**, de 7 a 11 de novembro de 96, em Belém do Pará. O evento pretende congrega os profissionais que praticam e estudam o campo das psicoterapias em diferentes âmbitos e áreas. Maiores informações na secretaria do Congresso, pelo tel. (091) 222.7413 e fax (091) 222.1339.

CONVÊNIOS

Nesta edição, o JP está publicando todos os convênios firmados pelo CRP-04 até o momento e que se encontram à disposição dos inscritos no Conselho.

- **Chromos Pré-Vestibulares Ltda.**
R. Espírito Santo, 1009 - Centro - Belo Horizonte
20% de desconto nas matrículas e mensalidades
- **Consultório Odontológico**
R. Tomé de Sousa, 860/801 - Tel: 261.5358
Funcionários - Belo Horizonte
- **Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda.**
Av. Bernardo Monteiro, 930
Santa Efigênia - Belo Horizonte
- **Drogaria Nacional**
R. São Paulo, 570 / R. Tupinambás, 522 e 678
Av. Afonso Pena, 532 e 749 / R. Guarani, 234
Centro - Belo Horizonte - 10% de desconto
- **Drogaria Vacha Ltda.**
R. Santa Cruz, 635 - Tel: 371.1680
Prado - Belo Horizonte - 10% de desconto
- **Microcity Computadores e Sistemas Ltda.**
R. Paulo Simoni, 123 - Tel: 227.4281
Belo Horizonte
- **NCD Serviços, Comércio e Indústria Ltda.**
R. Alagoas, 1314/21-A - Shopping 5ª Avenida
Tel: 281.0051 - Funcionários - Belo Horizonte
10% de desconto sobre trabalhos gráficos
- **Núcleo do Ser Homeopatia**
R. Congonhas, 553 - Tel: 342.1355
Santo Antônio - Belo Horizonte
10% de desconto
- **Núcleo Radiológico Brasil Ltda.**
Av. Brasil, 82 - loja 5 - Tel: 241.4423
Santa Efigênia - Belo Horizonte
25% sobre o preço de tomadas radiográficas

CLASSIFICADOS

Psicólogo clínico belga, atuando em Belo Horizonte, procura contato com colegas igualmente formados naquele país. Luc Vandenberghe pode ser contactado pelo tel. (031) 498.2985.

Compro coleção das obras completas de Freud, usada e em bom estado de conservação. Carlos Alberto, tel. (031) 295.4498.

Subloca-se consultório em clínica particular, à Rua Rio Claro, no. 434. Bairro Prado. Turno: manhã. Tratar com Soraya ou Nilza em horário comercial pelo telefone (031) 337.5679.

Subloca-se consultório em três turnos à Rua Guajajaras, ao lado do Minascentro. Contactar Mirtes pelo (031) 388.1706 ou Cristina pelo (031) 375.2651.

Sublocamos horários ou dividimos consultório de Psicologia próximo à Igreja de Lourdes. Contactar Tiago ou Maria do Carmo pelo tel. (031) 226.2332.

Subloca-se consultório à Rua Timbiras, 1560 / sala 1803. Tratar com Nilda ou Anita pelo tel. (031) 361.4523.

Subloca-se consultório na Avenida Brasil, 1831, Funcionários. Tratar com Gilda pelo telefone (031) 261.6387.

Subloca-se consultório de Psicologia no Centro de BH. Tratar com Carla pelo tel. (031) 212.3661.

Nesta edição, o JP traz um resumo da dissertação de mestrado em Psicologia Social/UFMG de Márcia Midôri Watanabe, psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, atualmente diretora do Distrito Sanitário Pampulha. A dissertação "O Sistema Único de Saúde e as representações sociais de conselheiros: análise da situação em Belo Horizonte" foi orientada pela professora Elizabeth de Melo Bomfim.

o SUS em Questão

A saúde, enunciada como um direito de todos e um dever do Estado pela Constituição Federal de 1988, foi uma conquista da sociedade civil organizada brasileira. A fim de se garantir esse direito constitucional, foi criado o Sistema Único de Saúde - SUS, que tem como alguns de seus princípios a universalidade de acesso aos serviços de saúde, em todos os níveis de assistência; a integralidade da assistência; a igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios; a descentralização político-administrativa e a participação da comunidade.

A participação popular no setor saúde se expressa em várias instâncias, como os conselhos e as conferências de saúde. Em Belo Horizonte, o Conselho Municipal de Saúde, criado em 1991, vem funcionando desde então; todos os nove distritos sanitários possuem conselhos distritais de saúde e mais de 70% dos centros de saúde contam com comissões locais de saúde. Conselhos e comissões de saúde têm como funções a proposição, o acompanhamento e a fiscalização da política municipal de saúde, dentre outras, e são compostos por representantes dos usuários dos serviços, trabalhadores e prestadores de serviços de saúde, sendo a representação dos usuários paritária à dos demais segmentos. A atividade de conselheiro de saúde não é remunerada, sendo considerada de relevância pública.

A dissertação em questão teve como objetivo central a descrição e a análise das representações sociais de conselheiros de saúde - representantes de usuários de Belo Horizonte, a respeito do Sistema Único de Saúde no referido município.

Foi feita uma pesquisa de caráter qualitativo, em que foram entrevistados quinze conselheiros de saúde - representantes de usuários, integrantes do Conselho Municipal, conselhos distritais ou comissões locais de saúde de Belo Horizonte, por vezes participantes em mais de uma instância simultaneamente. O perfil dos entrevistados tem as seguintes características: 46,67% do sexo feminino e 53,33% do sexo masculino; idades variando entre 30 a 69 anos, com predominância na faixa de 40 a 59 anos; nível de escolaridade diverso, com maior concentração em 1º grau incompleto e 2º grau completo; ocupações diversificadas; moradores do município de Belo Horizonte; 53,33% de usuários do Sistema Único de Saúde e 46,67% de não usuários.

Concluiu-se que os conselheiros de saúde - representantes de usuários de Belo Horizonte, representam-se como um grupo cujas características principais são o interesse pela saúde pública e pela participação popular. É um grupo heterogêneo em relação ao perfil de seus componentes. São feitas algumas auto-críticas com relação a sua atuação, que consideram pouco articulada, com alguns conselheiros com posições corporativistas, defendendo interesses pessoais ou apenas das regiões que representam, sem uma visão do município; defendem ser necessária a construção de um projeto político do movimento popular para a área da saúde e, para isso, declaram precisar de um aprimoramento teórico.

A falta de autonomia financeira e administrativa dos conselhos e comissões de saúde é apontada como uma grande fragilidade. Essa autonomia deve ser conquistada a fim de se garantir a independência de posições dos conselhos em relação à Secretaria

Municipal de Saúde, afirmam os conselheiros de saúde.

São feitas críticas à população em geral pela ausente ou pequena participação; por seu imediatismo, individualismo e baixo grau de politização e por seu interesse reduzido pela saúde pública.

Os trabalhadores da saúde também merecem censura por sua pouca participação, sua acomodação e seu temor de que as instâncias de participação popular possam ser utilizadas contra eles, trabalhadores.

A atuação da imprensa é representada como sendo de caráter negativo, ao focar quase que exclusivamente os aspectos ruins ou falhos da saúde pública.

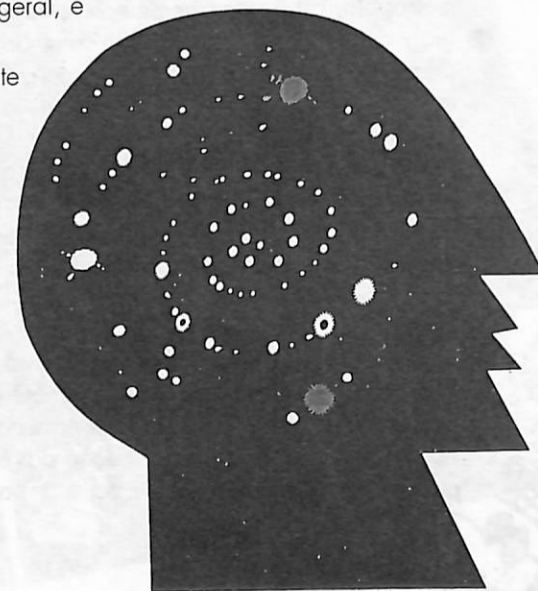
A saúde é definida como algo que depende das condições de vida e do acesso aos bens e serviços coletivos essenciais. Para a sua promoção e manutenção, é necessário intervir no meio, através de uma série de medidas preventivas, muitas vezes através de associações com outros setores.

O SUS é representado como um sistema universal, sendo a participação popular um fato fundamental para se garantir o cumprimento daquilo que é determinado pela legislação. A clientela principal do SUS-BH para os conselheiros entrevistados é a população de baixa renda.

São consideradas como características positivas do SUS-BH a existência do direito universal à saúde; a maior abertura à participação popular; uma maior transparência do poder público municipal, ao mostrar e discutir as possibilidades e as limitações de sua atuação; o aumento dos investimentos da administração municipal na área da saúde; uma melhora na qualidade do atendimento, com maior organização dos serviços. As características negativas apontadas pelos conselheiros entrevistados são a não priorização histórica, pelos governantes brasileiros, do setor saúde, resultando em reduzidos recursos financeiros, e em má utilização dos mesmos; o descrédito da população em relação ao setor público; as disputas entre o setor privado e a parcela do setor público que defende o SUS, com vantagem para o primeiro; a resistência de parte dos profissionais de saúde ao trabalho em equipe, a uma visão integral do cliente, à utilização de práticas coletivas e preventivas.

Em relação à assistência à saúde, os conselheiros de saúde consideram que a dificuldade de acesso aos serviços de saúde é um aspecto bastante negativo, ao qual se contrapõe a qualidade dos serviços prestados, que, no geral, é considerada boa.

Apesar de o quadro não ser totalmente favorável, os conselheiros de saúde consideram que as perspectivas são positivas, caso o processo continue no rumo que está seguindo, com um sistema de saúde pública em construção.





Pelos brejos da Modernidade



Ele vem rastreando as tendências da cena urbana pós-70 através da poderosa linguagem do humor. Do hipponga ao moderno de última geração, nenhuma tribo escapou do seu traço irônico. Estamos falando de Arnaldo Angeli Filho, o cartunista Angeli, chargista do jornal Folha de São Paulo e criador dos quadrinhos Chiclete com Banana. Esse paulistano de 40 vividíssimos anos, casado e pai de dois adolescentes, traz em sua bagagem uma boa carga do que se passou a denominar contracultura, a mudança de valores estéticos e políticos que aconteceu a partir dos anos 60 e virou o mundo de pernas para o ar. O palco dessa virada sempre foi a "urbs", onde a tão falada modernidade se instalou. Nosso "personagem", no entanto, nunca foi um "deslumbrado": ao contrário, viu que apesar de tantas mudanças, a vaca continua indo para o brejo, e expressou esse verdadeiro "paradoxo" em quadrinhos. Se a linguagem acadêmica não fosse absolutamente avessa ao pop (e vice-versa!), suas tirinhas seriam consideradas uma verdadeira "tese". Em 25 anos de prancheta, surgiram da ponta do seu lápis a junkie Rê Bordosa, que "não nasceu para ser a cura, e sim a doença", o punk Bob Cuspe, o "nervo exposto", e o yuppie Walter Ego, "o mais walter dos walters", que dividiram as tiras com sobreviventes dos destroços da revolução comportamental, como o machista Bibelô, "o último dos broncos" e o militante político Meia Oito, "o último dos barbichinhas". Isso sem contar com o guru Ralah Ricota, que vende "meditação transcendental e salgadinhos em geral", e gags humorísticas como Osgarmo, "o precoce". Com alguns personagens já falecidos e outros andando pelas ruas das grandes cidades, Angeli pensa agora em fazer uma revista de humor mais "adulta", além de continuar o trabalho com os companheiros de traço Glauco e Laerte em Los Três Amigos e as charges onde expõe a patética situação da política brasileira. Mas para quem faz todas aquelas "maldades", até que ele não é tão "perigoso" assim. Em todo caso, se cuide, caro leitor: você também pode virar tirinha!

- Você vem traçando um perfil das várias tribos urbanas em suas tirinhas. De onde vem o recheio de tantos tipos? Você viveu todas essas ondas?
- Na verdade eu gosto de não fazer parte de tribo nenhuma, até para poder estar no meio de todas e ter uma visão de fora: entrar, mas contemplando. Não sei se isso é uma técnica para se montar personagem, ou se é uma técnica só minha, que só serve para o meu modo de funcionar. Sei que outros trabalham o personagem de outra forma, e funciona do mesmo jeito.
- Depois de hippies, militantes políticos, punks, darks, yuppies, junkies, apocalípticos e pós-modernos, existe algo de novo na fumaça da metrópole, ou a vaca finalmente está indo pro brejo?
- Na verdade eu acho que a vaca caminha para o brejo há muito tempo. Ela só é lenta demais. Vamos ter ainda que conviver com a vaca durante um bom tempo. Mas é uma mistura de tudo isso. Sempre ouvi dizer que cada final de século é uma salada de tudo o que aconteceu e que todo século tem um momento muito criativo. A gente sabe agora, à distância, que esse momento foi o dos anos 60/70; porque não foi uma mudança só estética; foi uma mudança comportamental total, valores, comportamento sexual, comportamento em relação à política, ao mundo... e eu acho que nós vivemos isso ainda.
- Então a contracultura ainda impulsiona as cabeças dos 90?
- Impulsiona. Nenhum pai dos anos 50 lidava com o problema da adolescência como o pai de hoje. A mudança comportamental que ele viveu está se refletindo na educação das crianças. A maneira que esse pai cria um filho vai refletir na política, no mundo de amanhã.

- Será, então, que os valores da contracultura estariam agora sendo institucionalizados?
- Penso que o mundo só evolui quando valores, conceitos ou projetos são englobados pela sociedade. Não adiantaria nada haver uma discussão sobre a mudança do comportamento sexual e liberdade de expressão se um dia isso não chegasse ao sistema. Ficaria uma coisa de gueto, e tem gente que gosta disso; mas a coisa tem de ser encampada, até para a gente testar na prática; se elas ficarem só num pequeno círculo de pessoas, que entre aspas podem se achar modernas, não vai ter efeito nenhum sobre a sociedade. Muita gente fala, "ah, o quadrinho que você fazia no final dos anos 70 era revolucionário, e agora tem um monte de gente fazendo coisa parecida". Ué, sorte dessas pessoas que sacaram. Então, eu não entendo certas coisas como "diluição". Entendo como "aceitação". Mas quando eu crio os personagens, faço por fazer. Não fico pensando "ah, vou passar esse recado".
- Mas você já teve um período engajado...
- É, tive o meu período de "cartunista guerrilheiro". Um cartunista mudaria o mundo, uma charge derrubaria um governo... mas hoje, à distância, vejo essa minha fase profissional como uma espécie de balão de ensaio pra entender um pouco o que é ser cartunista. E a coisa mudou, hoje não acho que cartoon derruba governo, é muito mais fácil um governo derrubar um cartunista!
- Falando um pouco de seus personagens, Wood & Stock vivem em conflito de gerações. E você, como lida com temas como as drogas, em relação a seus filhos?
- Na minha vida "criminosa" eu cometi muitos excessos, acho até que a minha geração e a geração anterior à minha ficaram meio como cobaias disso, experimentaram muitas drogas. Entendi muita coisa, e hoje em dia sou bastante calmo em relação a isso. É um fetiche que realizei. Agora, acho que a maconha tem de ser descriminalizada. E o fato da primeira dama ir num programa de televisão e defender a descriminalização já é uma evolução. Não tô fazendo apologia dos Cardoso, não. Mas no caso da maconha, já está provado que se utilizada de uma maneira prazerosa, ela só vem contribuir com o prazer do ser humano. Eu acho que a indústria da bebida, por exemplo, é muito mais maléfica para qualquer pessoa. E se o meu filho me expor - "olha, tô fumando", para mim não seria uma catástrofe. Eu apenas iria colocar tudo o que sei sobre essa escolha e seus limites.
- Por quê tanta ênfase na vida sexual dos seus personagens?
- Primeiro, porque eu gosto de sexo. Gosto muito, não é só uma coisa física, é uma certa admiração até pelo grafismo do sexo, pelo designer do sexo. A imagem de duas pessoas namorando, transando, passa uma coisa poderosa para mim. Agora, eu acho que o sexo é um dos elementos mais revolucionários que o ser humano tem em mãos; ele tem como lidar com a sua vida sexual para que aquilo vire uma auto-revolução. A gente sabe que pessoas com a vida sexual sadia são pessoas imbatíveis. O "mundo católico" - estou dizendo "mundo católico", mas acho que isso se estende a várias religiões - é completamente deformado por regras anti-sexuais que foram criadas. E a felicidade passa longe disso.
- Muitos choraram a morte da junkie Rê Bordosa. Afinal, por quê matar uma filha que, dizem as más línguas, era a cara do pai?
- Na verdade, todos os meus personagens são parecidos comigo, até os mais ridículos. Fui percebendo aos poucos que os utilizei como uma auto-análise, como um grande divã; deitei ali e comecei a desenvolver coisas que, de uma certa forma, tinha que resolver dentro de mim. E posso ir aos poucos citando: por exemplo, sou de família italiana, fui criado na periferia de SP, tinha tudo pra ser um machão que andava de opala 4 portas assoviando pra mulher em porta de padaria. A partir do Bibelô, tive uma visão tão crítica do macho que acho isso execrável. Quando começo a empinar a crista demais, lembro do Walter Ego, um personagem ridículo que eu criei. Sai da militância política fazendo o Meia Oito, um personagem que criticava esses guerrilheiros de boteco que enquanto fazem xixi no banheiro do bar ficam pensando em grandes movimentos populares. Foi na mesma época em que o Gabeira voltou - a sanguinha do Gabeira e a sua postura em relação às minorias...



CHUP!
PAM!
PAM!

● Revista "Chiclete com Banana", que você editou de 85 a 91, abriu espaço para as diversas tribos trocarem informações, insultos etc através da sua extensa coluna de cartas. Ela acabou influenciando muita gente, não? Não é uma "pusta" responsabilidade?

● Lá no fundinho eu fico contente quando alguém fala isso. Mas não quero

● Teve isso também. Eu tinha uma posição bastante radical em relação a marketing... Mas eu percebi que se entrasse nessa ia matar um trabalho que estava em alta, transformá-lo em sabão em pó, em nada. Eu tenho essa postura radical em relação à Rê Bordosa e ao Bob Cuspe. O marketing não pode absorvê-los, porque vai interferir na personalidade deles. Mas os Skroinhos, por exemplo, são tão sem caráter, tão amorais, que se estiverem estampados numa toalhinha infantil, é irônico.

● Você também já comentou que a Rê Bordosa estava virando alvo do marketing... Mas vamos voltar à estória da Rê Bordosa... Foi o seguinte: eu bebia muito, cometia excessos direto, e a Rê Bordosa foi o ponto para começar a balançar melhor essas coisas. Quando eu parei, achei que de alguma forma o personagem se esvaziou para mim. E quando um personagem perde o poder pro autor, é só você contar no relógio para o leitor começar a perceber isso. Mas a Rê tinha que morrer no momento "alto" dela, para que ela marcasse o ponto nos quadrinhos brasileiros e para que ficasse na cabeça do leitor o seu melhor, não a sua decadência. Porque a decadência é inevitável, ainda mais nesse tipo de personagem que eu faço, temporal.

● Bem que a gente não pode levar isso a sério demais e achar que é o salvador, porque fica tão ridículo quanto os opressores! Mas o Meia Otton juntou com aquilo que o Cabeteira causou na mídia e... muitos colegas de traço começaram a dizer que eu estava fazendo um humor que servia à direita. Reil tudo e vi que tinha muita certeza do que estava falando. E logo as pessoas começaram a perceber que existiam outras "fomes" também, e que não podiam ficar para depois que estivesse todo mundo de barriga cheia.



ANGELI

● Tenho vontade de retomar essa coisa da revista, mas uma revista mais adulta. A Chiclete era muito juvenil, um desafogo da coisa adolescente. E eu mudei muito, sinto uma grande mudança patrandu na prancheta. Acho que a charge política, de certa forma, me ajudou a chegar nessa virada. Hoje em dia, uma das coisas que me dá muito prazer é fazer "Los Três Amigos". É a junção de três cartunistas que cresceram juntos, desenvolveram um tipo de humor parecido, com enfoques diferentes. Temos vários projetos para "Los Três Amigos". Trabalhar em três é muito legal, gosto do resultado. Pensamos até em trabalhar com outros desenhistas, fazer um grande grupo, "A Big Banda Desenhada": este é um projeto que está me entusiasmando muito.

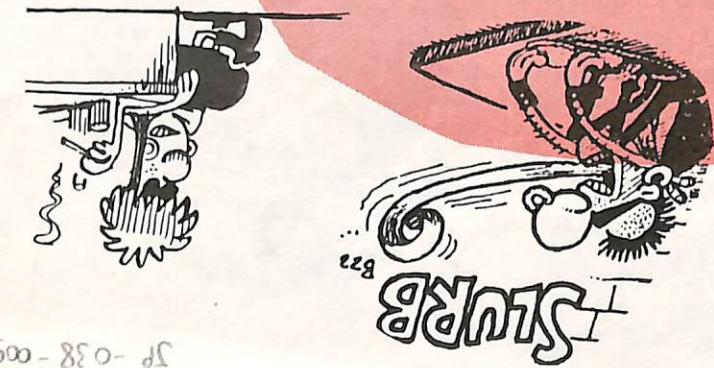
● Para finalizar: o que você anda "tramando"? Quais serão os rumos do seu trabalho?

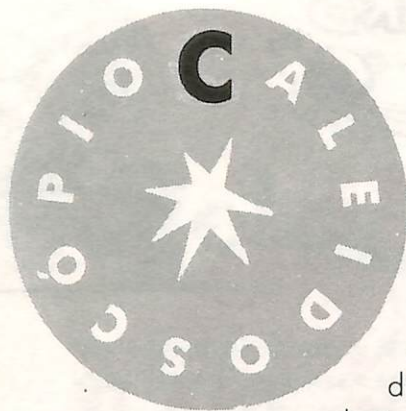
● Engarçado: de leitores, sim! Por exemplo, uma charge que teve uma certa polémica entre os leitores foi a do massacre dos sem-terra [vários túmulos e em cima os dizeres: "enfim, terra para todos"/ FSP, 19.04.96]. Me disseram que eu tinha utilizado uma desgraça para fazer piada. Ora, aquilo não é piada, é retrato. Estava só me solidarizando. Quem leu diferente, leu errado. Já quanto às autoridades, acho que já passou o tempo delas se incomodarem com isso. O FHC, por exemplo. Pô, o que eu ando fazendo com o FHC... até livro eu já lancei... ("FHC, uma biografia não-autorizada", reunindo as charges da Folha). Hoje a gente tem na política pessoas mais inteligentes que em anos atrás. Pessoas que querem mostrar para o leitor que entendem aquilo de outra maneira. Então, até agora não houve reclamação.

● Com o fim da censura, os chargistas têm "vingado" o cidadão brasileiro, detonando a mediocridade dos políticos. Seria o humor, hoje, a única linguagem com "munição" contestadora, até mais que o velho e bom rock and roll? É difícil te responder isso. Mas posso afirmar que qualquer linguagem que utiliza o humor se torna mais poderosa. E muito mais legal você escutar um Chico Buarque do que um Gonzaguinha, por exemplo. Porque o Chico tem humor, mesmo quando ele está mais contestador, mais chora. A construção de uma letra tem humor, mesmo que não seja piada. Ter humor não é ser bem humorado. Ter humor é você utilizar essa visão de mundo que é a visão do humor dentro de uma linguagem.

● As suas charges na "Folha de São Paulo" têm colocado muitos políticos em maus lençóis. Você já enfrentou reclamações de algum dos "personagens"? Engarçado: de leitores, sim! Por exemplo, uma charge que teve uma certa polémica entre os leitores foi a do massacre dos sem-terra [vários túmulos e em cima os dizeres: "enfim, terra para todos"/ FSP, 19.04.96]. Me disseram que eu tinha utilizado uma desgraça para fazer piada. Ora, aquilo não é piada, é retrato. Estava só me solidarizando. Quem leu diferente, leu errado. Já quanto às autoridades, acho que já passou o tempo delas se incomodarem com isso. O FHC, por exemplo. Pô, o que eu ando fazendo com o FHC... até livro eu já lancei... ("FHC, uma biografia não-autorizada", reunindo as charges da Folha). Hoje a gente tem na política pessoas mais inteligentes que em anos atrás. Pessoas que querem mostrar para o leitor que entendem aquilo de outra maneira. Então, até agora não houve reclamação.

● Bem que a gente não pode levar isso a sério demais e achar que é o salvador, porque fica tão ridículo quanto os opressores! Mas o Meia Otton juntou com aquilo que o Cabeteira causou na mídia e... muitos colegas de traço começaram a dizer que eu estava fazendo um humor que servia à direita. Reil tudo e vi que tinha muita certeza do que estava falando. E logo as pessoas começaram a perceber que existiam outras "fomes" também, e que não podiam ficar para depois que estivesse todo mundo de barriga cheia.





Em sintonia com o debate sobre a extinção dos MANICÔMIOS, as Faculdades Integradas Newton Paiva programam para o segundo semestre o curso de PÓS-graduação "Saúde Mental - Clínica" * Direcionado a profissionais de nível superior que atuam nos SERVIÇOS de saúde mental, o curso fornecerá subsídios teóricos e práticos para o trabalho dentro dos NOVOS modelos de assistência *

Maiores informações pelos tels. (031) 330.4511 e 330.4596 * Uma atenção psíquica diferenciada, apta a lidar com os vários GRAUS de complexidade clínica, numa perspectiva de respeito às singularidades de cada caso * Esta é a proposta da CASA FREUD, um novo espaço de tratamento para pacientes com comprometimento psíquico severo * Junto à Casa Freud funcionará o Espaço Cultural ARTAUD, destinado à produção, exposição e circulação de cultura, aberto à população em geral * Contatos pelo tel. e fax (031) 227.7592 ou pelo e-mail acesso @unix.horizontes.com.br * Os instrumentos da Psicologia e da Arte foram reunidos em um PROJETO lançado recentemente * Trata-se do projeto "Arteterapia para o pré-vestibulando", que pretende DESPERTAR o potencial criativo e desbloquear tensões, trabalhando os aspectos emocionais presentes na preparação para o VESTIBULAR * Maiores informações pelo tel. (031) 225.4512 * A Clínica D'ISS apresenta o Projeto abcd'ISS, que propõe subsídios para os psicólogos que atuam na escola e na família * Os trabalhos terão início em agosto com o tema "LINGUAGEM, Leitura e Escrita" sob os enfoques psicanalítico, pedagógico e fonoaudiológico * Informações e inscrições pelo tel. (031) 241.4441 * Foi inaugurado no dia 11 de abril o Instituto Felix GUATTARI, de Belo Horizonte * A entidade é filiada à Fundação Gregório Barenblatt, de Uberaba, e já deu início às suas ATIVIDADES de ensino, pesquisa e publicação * Os interessados na obra de DELEUZE e Guattari podem buscar uma interlocução com o Instituto. Contatos pelo tel. (031) 221.7352 * O IBASE lançou, durante a comemoração dos seus 15 anos de atividades, dia 29 de abril, o livro "Democracia - cinco PRINCÍPIOS e um fim", que traz textos de Ana Maria Machado, Antônio Callado, Betinho, Eric Nepomuceno e Lya Luft * Durante o evento, foram lançados também programas educativos de TV e a versão on-line do Jornal da Cidadania * O CRP-04 parabeniza o Instituto e se coloca ao seu lado na LUTA pelo fortalecimento da cidadania brasileira * A Escola Brasileira de Psicanálise/MG acaba de lançar o "CURINGA Especial", com textos em torno do tema "Ressonâncias da Interpretação" * Parabéns pela nova edição * Você já se RECADASTROU? Caso não o tenha feito, ainda há tempo: o CRP-04 está ACEITANDO os formulários, mesmo após o dia 25 de maio. Informações com Carla Almeida pelos tels. (031) 261.1146 (grande BH) e 0800.311146 (outras localidades).

DISQ FREUD - tels: BH (031)330.5500 bip JLM - RJ (021) 442.2430

JORNAL DO PSICÓLOGO

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Antonieta Guimarães Bizzotto, presidente; Ricardo Figueiredo Moretzsohn, vice-presidente; Carmen Eugênia Bretas Bavoso, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

8º Plenário: Conselheiros: Adenise Elza Hethel da Silveira; Américo Galvão Neto; Antonieta Guimarães Bizzotto; Aparecida Maria de Souza Cruvinel; Arlete Marchiori Macedo Diniz; Carmen Eugênia Bretas Bavoso; Celso Francisco Tondin; Danusa Gomes Prates; Edith Lins Etto; Elvira Lúcia Pessoa de Oliveira; Fernanda Ottoni de Barros; Gerson Alves Vieira; José Walter Albinati Silva; Maria Aparecida de Oliveira Krolman; Maria Lúcia Vasconcelos Montes; Octávio Candiani; Regina Lúcia Silva de Magalhães Carvalho; Regina

C A R T A S

Belo Horizonte, 12 de abril de 1996

Prezados Colegas,

Inicialmente quero manifestar minha satisfação pela volta do Jornal do Psicólogo, bem como parabenizá-los pelas mudanças nele inseridas, gerando novas seções e melhor ocupando espaços.

Em seguida, face à matéria sobre Atestado Psicológico, sugiro que seja publicado no JP ou em impresso à parte a Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento do CID, que seria de grande utilidade para nós, psicólogos.

Pelo bom trabalho que vem sendo desenvolvido pela equipe TRANSFORMAÇÃO frente a esse Conselho, estendo a todos os meus votos de congratulações.

Atenciosamente,

Carlos Alberto de O. e Silva - CRP-04/7.317

Prezado Carlos,

O 8º Plenário lhe agradece pela atenção e estímulo e espera continuar atendendo às expectativas de todos os que desejam um bom desempenho da entidade. Quanto à publicação do capítulo de Transtornos Mentais do CID, informamos que, devido ao volume de páginas, isto se torna inviável para o Conselho (a postagem de 11.000 jornais com um pesado encarte seria muito onerosa), mas o CRP-04 possui um volume da última edição do CID, que está à disposição de todos para consulta ou reprodução, OK?

Pós-Graduação Especialização em Saúde Mental - CLÍNICA

Programa

- I - O campo da saúde mental: bases epistemológicas
- II - Políticas e Legislações em saúde mental
- III - Clínica psiquiátrica e clínica psicanalítica. Diagnóstico estrutural. Ética, psicanálise e instituição.
- IV - Saúde mental e clínica: urgências, toxicomania e alcoolismo, psicossomática. Clínica com crianças, adolescentes e idosos.
- V - Loucura, exclusão, cultura e arte.

Coordenação - Oscar Cirino - Psicanalista - Prof. da Escola de Saúde de MG - Preceptor de residência da FHEMIG - Mestre em Filosofia.

Início - 5 de agosto de 1996

Horário - de segunda a quinta-feira das 19:00 às 22:40

Local - Rua Santa Catarina, 746 - Lourdes - BH - MG

Informações - (031) 330-4511/4596

**Seminário de lançamento
do Curso - Informe-se!
Inscrições gratuitas.**



Maria Coelho Ferreira; Ricardo Figueiredo Moretzsohn; Terezinha Marta Colombo Drummond; Vicente de Paulo Marques de Almeida; Zulma Canuto.

Coordenadoria Técnica: Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04
Coordenação geral: Ricardo Moretzsohn
Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTb 4685/MG)
Programação visual: Marcelo Xavier
Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier
Edição gráfica: Cláudia Barcellos Guimarães (Mtb 2109/MG)
Impressão: Editora Lítero Maciel
Tiragem: 11.500 exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Nesta seção, o JP conta com a colaboração de Luiz Carlos Brant Carneiro, analista institucional e psicólogo da FUMP/UFMG. O texto aqui publicado é um resumo de trabalho apresentado no I Fórum Mineiro de Psicanálise, realizado em abril de 96, em Belo Horizonte.

De Recurso a Sujeito nas Organizações

Luiz Carlos Brant Carneiro

Boletins de fábricas, organismos internacionais e a mídia, entre outros, anunciam perspectivas funestas para o trabalhador, com índices de desemprego entre 20 a 25% da população mundial, ou seja, 820 milhões de desempregados e subempregados. O fim do emprego estável provocará uma desolação nas massas que se deslocarão à procura de empregos. A necessidade de adaptação a um mundo informatizado e de uma educação contínua remeterão os trabalhadores a uma "seleção biológica" - sobrevivência dos mais adaptados. Mesmo neste contexto marcado pelo "Jobless Grow", as organizações estão inaugurando uma nova etapa nas relações de trabalho ao deslocar para os recursos humanos investimentos que eram dirigidos para a produção de bens. Diante deste enfoque nos recursos humanos, perguntamos pelas possibilidades e impossibilidades do trabalho psicanalítico nas organizações. Ou seja: que respostas ao nível da prática a psicanálise pode dar às questões colocadas pelo trabalho?

O meu trabalho com organizações evidencia uma demanda dos trabalhadores por um espaço para serem escutados. Fato que explicita a existência de um sofrimento, a existência de um desejo de saber algo e uma crença em alguém que detém um saber sobre este sofrimento. O registro e a análise dessa escuta indicam a existência de crise decorrente de ameaças de perda de emprego, de impotência frente à exigências como criatividade e capacidade empreendedora, de stress diante da forte demanda por produtividade. E ainda, incapacidade para manutenção de um aprendizado constante com base em novas tecnologias; e uma dissolução abrupta de procedimentos de trabalho.

Num outro registro, constata-se elevação nas estatísticas de acidentes de trabalho, absenteísmo, retrabalhos, alcoolismo, etc. Essas práticas do trabalhador são comuns, mas quando estas respostas persistem no tempo, quando estão endereçadas a um Outro e quando são realizadas para serem mostradas, é sinal de que algo grave está acontecendo. Sabemos que é através do *acting* que melhor se pode confessar a verdade de uma organização.

Para a psicanálise, a transformação efetiva desejada pelas empresas que estão implantando programas de reestruturação só será possível se os *sinthomas*, os *actings* e as *passagens ao ato*, etc forem trabalhadas. Uma proposta com base psicanalítica difere do trabalho realizado pelo treinamento, como alguns destes programas propõem. Treinamento implica numa intervenção no imaginário. Um psicanalista jamais poderá trabalhar com treinamento; pois a psicanálise tem um compromisso com aquilo que é, não com aquilo que deveria ser. Assim, as demandas por uma elaboração simbólica impõem ao psicanalista um desafio: sistematizar uma prática de escuta ao trabalhador preenchendo um hiato deixado entre a clínica - modelo de consultório- e a psicologia organizacional ocupada com liderança, comunicação, treinamento, etc.

Estas demandas abrem possibilidades para questionar as ideologias dos atendimentos psicanalíticos, para rever as teorias de RH que não consideram as pesquisas em torno do inconsciente como determinante último da vida psíquica, e para avaliar os instrumentos utilizados em RH. Esses desafios podem ser traduzidos: a) no nível Teórico - produção de um saber a partir de uma escuta; b) no nível epistemológico - questionamento crítico quanto às reais possibilidades de um saber - a partir da psicanálise - voltado para a organização, e c) no nível técnico - uma prática dirigida ao trabalhador.

Quando a concentração de investimentos destinava-se à produção de bens, os recursos humanos eram tratados como um equipamento. Ou seja, um bem que inserido na engrenagem, nada o diferenciava dos artefatos ali produzidos. Enquanto recurso, o trabalhador assimila idéias, valores, juízos, mas não questiona. Desconhece o conteúdo e significação de sua atividade. Enquanto peça, reduz o seu fazer à dimensão prático-utilitária. Não se distancia de sua prática para que essa possa se apresentar como objeto de pensamento. Não percebe até que ponto seu fazer está contribuindo para a história do fazer humano. E não percebe como seus atos influenciam os colegas, a atividade e a organização.

Nesta posição, a fala fica destituída de credibilidade. Nega-se ao trabalhador as possibilidades de construir um saber e uma certa apreensão intelectual constituída a partir de sua ocupação. A visão organizacional do trabalhador é massacrada pelo trabalho árduo e excessivo. Tudo isso se torna fator dificultador da reflexão e da expansão da memória. Uma vez que se perde a memória daquilo que se faz, daquilo que se fala, perde-se também a identidade.

A identificação é um processo de construção de imagens. As brincadeiras, as piadinhas, ou seja, os chistes explicitam a realidade do trabalhador. Exemplo tradicional é a denominação por chapa, o número que se recebe numa empresa. Além desta nomeação, os apelidos como Marreco, Pinto Molhado, Cabra Velha são constantes. Estas denominações marcam uma posição do trabalhador, provocam uma desestabilização na imagem que se tem de si mesmo e é desconcertante. Num mundo marcado por uma rápida transformação cultural e tecnológica, a nova ordem requer o aproveitamento de todos os recursos mas constata que esses não são tão abundantes ou renováveis. Nessa conjuntura verifica-se que não basta apenas a força bruta de um recurso.

As empresas precisarão de sujeitos que pensem, criem e interajam para enfrentar os desafios da modernidade. Muitas estão percebendo a necessidade de incorporar em seus quadros sujeitos capazes de criticar, de ter iniciativa e de criar. Nessa busca, tenta-se superar a experiência cotidiana do fazer como facticidade evidente e compulsória. Essas empresas acreditam que trabalhadores com esse perfil aumentam a possibilidade de rompimento com o fazer comum e apreendem a realidade tecnológica de uma maneira múltipla e criativa. Essas acreditam ainda que, para tal, torna-se prioritária a instauração de um espaço em seu interior, para o exercício do pensamento e da linguagem, pois assim estariam criando condições para se operar o desprendimento da experiência cotidiana e superando o fazer comum.

Algumas empresas estão buscando subsídios para uma política de recursos humanos em que se observa uma tendência para a criação de um espaço para escutar o trabalhador enquanto subjetividade, ou seja, efeito de linguagem e das práticas lingüísticas. Esse espaço cuja sistematização algumas empresas já ensaiam é o Acompanhamento de Pessoal que visa trabalhar simbolicamente os questionamentos produzidos pelos trabalhadores além de assumir um caráter de promoção de saúde. O acompanhamento deverá orientar-se para os determinantes do mundo do trabalho e suas conseqüências no sujeito. Mas, quaisquer que sejam as possibilidades deste trabalho, ele deverá ser realizado a partir de uma orientação psicanalítica.

Quando assistimos a uma demanda para a criação de um espaço para a escuta, é preciso se perguntar a que concepção de homem tal espaço se vincula. Assim, questionamos que conseqüências uma escuta psicanalítica traz para as relações de trabalho. Num discurso de valorização do homem, poderemos encontrar uma imposição: pensem, falem e produzam. A psicanálise nas organizações poderá ser usada para controlar os corpos e os desejos. Ser chamada para colaborar na fabricação de um sujeito adequado às estratégias de reprodução e expansão do mundo do trabalho às portas do século XXI.

Admitir recursos humanos possibilita a alguns formas sutis de exploração e opressão sem parecer como tal. De recurso a sujeito existe uma distância a ser considerada, uma travessia a ser percorrida. O que implica em uma mudança de posição do trabalhador frente ao Outro. Ao falar, o trabalhador se faz. E se faz pelo exercício da palavra. Como diz C. Lispector: *Eu só existo no diálogo... Eu não existiria se não houvesse palavras*. Criar possibilidades para a palavra na organização é condição para a possibilidade do surgimento do sujeito, porque é no universo simbólico e na estrutura lógica do discurso que o "Homo faber" poderá afirmar-se como sujeito, como algo diferenciado de recurso.

O trabalhador poderá superar a condição de recurso através da palavra. E por meio da palavra poderá construir a história de um fazer esquecido que não pertence ao conturbado mundo dos conhecimentos oficiais. Poderá escrever a trajetória de uma imposição à ocupação humana. Sem a palavra que faz história, o trabalhador torna-se recurso. A palavra é condição de sobrevivência, de constituição do sujeito. Toda fala, na organização, deverá implicar em efetividade no sentido de alterar ações ou estados. Muito do que acontece com o trabalhador se deve a uma falta de palavra. E quando falta a palavra, também falta uma escuta. Desta forma, acreditamos que uma escuta ao trabalhador deverá remeter a uma análise da subjetividade e o seu laço com a organização e o social que não se oponha como alternativa às teorias administrativas e sociológicas, mas que busque uma articulação capaz de clarificar uma ação recíproca entre o sujeito e um universo organizacional perpassado por contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARNEIRO, L. B. - Acompanhamento de pessoal. Revista T & D, n 15, São Paulo, 1994.
FREUD, S. - Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In ESB. Vol. XVII. Imago, 1976.
VIRILIO, P. - Era pós-industrial cria nômades. Jornal Folha de São Paulo, 21/08/94.
WILLIS, P. - Aprendendo a ser trabalhador. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
ANOTAÇÕES de aulas dos Cursos da psicanalista argentina Cintia Palonsk, de 1989 a 1996.

D E I A S

Freud e Reich

Uma das questões mais polêmicas que envolve o mundo da Psicanálise - o afastamento de Wilhelm Reich da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) e dos círculos freudianos é o tema do livro "Freud e Reich: Continuidade ou Ruptura?", de Cláudio Mello Wagner, lançado em abril pela Summus Editorial.

Originalmente uma tese acadêmica, o livro vem alimentar uma fogueira que já queima há décadas. O autor apresenta uma nova versão para a exclusão de Reich da IPA, em 1934. Ele defende que não foram divergências de cunho científico que levaram ao banimento do terapeuta austríaco, mas questões ideológicas.

Segundo Wagner, as estreitas ligações de Reich com o partido comunista e sua aversão ao nazi-fascismo acabaram por torná-lo *persona non grata* no meio psicanalítico da época. "O posicionamento de Reich" - sustenta Paulo Albertini, um dos apresentadores da obra - "representava um perigo para a postura de neutralidade que o movimento psicanalítico procurava manter por diversas razões, entre elas, a sua própria sobrevivência".

Como tese, "Freud e Reich" provocou grande alvoroço no meio universitário, acirrando polêmicas e enriquecendo o debate entre terapeutas das duas linhas. Para o psicanalista Renato Mezan, que assina outra apresentação do livro, "a obra traz uma importante contribuição ao esclarecimento de um momento da história turvado pelo silêncio de uns e ressentimento de outros".

Wagner, Cláudio Mello. **FREUD E REICH: Continuidade ou Ruptura?** Summus Editorial Ltda. 132 páginas. São Paulo, abril de 1996. Preço de lançamento: R\$ 13,50.

Descobrimo a criatividade

Um amplo estudo sobre a criatividade, desde sua conceituação até as estratégias básicas de seu desenvolvimento, além de uma revisão da literatura sobre o assunto - é o que o leitor vai encontrar no livro "Criatividade - Descobrimo e Encorajando", da psicóloga Solange Múglia Wechsler, pós-graduada nos EUA nas áreas de Psicologia Escolar e Criatividade. O livro é uma publicação da Editorial Psy, de Campinas/SP.

A autora apresenta, no decorrer de seu trabalho, a enorme importância da criatividade desde a infância à velhice, enfocando a sua estreita relação com a auto-realização. Através de estudos, pesquisas e exercícios, é delineada uma visão interdisciplinar do tema e ressaltada a sua relevância não só para a solução de problemas da vida diária, como também para o desenvolvimento do indivíduo nas suas mais variadas atividades.

Wechsler, Solange Múglia. **Criatividade - Descobrimo e Encorajando.** Editorial Psy. 421 páginas. Campinas/SP, 1993.

L I V R O S

Maternidade e profissão

A associação do exercício da maternidade com o desempenho de uma profissão, um tema frequente nos dias atuais, é abordado no livro "Maternidade e Profissão - Oportunidades de Desenvolvimento", de Sylvia Mello Silva Baptista, editado pela Casa do Psicólogo.

Analisando a questão, a autora percebe que não se trata apenas da forma como a mulher consegue, com mais ou menos sucesso, administrar a sua vida de mãe e de profissional. Ela levanta outras problemáticas, como a forma através da qual a mulher está vivendo esse ajuste e as repercussões em sua vida pessoal e em suas relações.

O livro também procura verificar se a mulher nesta condição está usufruindo da associação maternidade-profissão ou somente está tomando para si responsabilidades que a sobrecarregam. A maneira como ela escolhe viver esses dois aspectos tão fundamentais para a sua vida é o objeto de análise da autora.

Baptista, Sylvia Mello Silva. **Maternidade e Profissão - Oportunidades de Desenvolvimento.** Editora Casa do Psicólogo. 140 págs. São Paulo, 1996.

"História de Lenços e Ventos"

Este é o nome da mais nova produção do "Teatro de Pesquisa", em cartaz no Teatro da Cidade. Dedicada ao público infanto-juvenil, a peça reúne dez jovens atores, todos com experiência musical. O texto, direção, cenário e figurino são de autoria de Ilo Krugli, um argentino que desde o começo dos anos 60 vem desenvolvendo trabalhos teatrais no Brasil.

"História de Lenços e Ventos" é o espetáculo que deu origem ao Grupo Ventoforte, em 1974, e tenta permanecer atual ao colocar em questão temas como a busca da liberdade, a tecnologia, o consumo, a sensibilidade do brincar, a relação com a arte popular, o compromisso com a educação e o envolvimento com o teatro de bonecos e a música.

Os atores, segundo Ilo Krugli, são "brincantes". Eles dividem o palco com objetos como latas, papéis, panos, lenços, água e fogo, objetos que podem ser encontrados em qualquer fundo de quintal que as crianças ocupem para se divertir. Num simbolismo com carga autobiográfica, a peça começa com uma situação instigante: os bonecos aparecem para fazer o espetáculo, tiram-se dentro de uma mala e não querem mais trabalhar.

As apresentações acontecem aos sábados e domingos, sempre às 16 horas. O elenco é composto por Alan Eduardo, Alime Andrade, Ana Lúcia Vieira, Angélica Hodge, Lauro Gastañaga, Leonardo Augusto, Maria Clara Lemos, Tarcício Maximiano, Vanessa Bond e Veruska Wilke. Direção musical



de João Baptista Poletto e assistência de direção de Luciano Luppi.

Os ingressos custam R\$8,00. Para os psicólogos inscritos no CRP-04, o ingresso será de R\$ 6,00, mediante a apresentação da carteira. O Teatro da Cidade fica na Rua da Bahia, 11341.

"Fulaninha e Dona Coisa"

Um bom motivo para o riso estará em breve nos palcos mineiros - a comédia "Fulaninha e Dona Coisa", que estreia dia 11 de julho, às 21 horas, no Teatro Alterosa, e fará curta temporada, somente até o dia 14 de julho, com apresentações de quinta a sábado às 21 horas e domingo às 19 horas.

"Fulaninha e Dona Coisa" é um texto de Noemi Marinho, autora consagrada de teatro e TV, atualmente assinando alguns episódios de "Sai de Baixo", na Rede Globo. A peça fala, com muito humor, do difícil relacionamento entre patroa e empregada. Extremamente ingênua, Fulaninha chega do interior e vai trabalhar na casa de Dona Coisa, uma patroa "escolada" e exigente, cheia de preconceitos. Não bastasse esta situação, Fulaninha ainda se envolve com um técnico da Telemig, disposto a iludí-la com falsas juras de amor. As peripécias dessa moça ingênua, mas esperta e rápida para aprender, e as frescuras e preconceitos de Dona Coisa levam o público às gargalhadas.

A comédia é uma produção do Banco de Idéias, com direção de Luiz Hippert. No elenco, Andréia Garavello, a mais premiada atriz mineira, vivendo Fulaninha; Neusa Rocha, outra atriz super premiada que andava do lado de fora de cena, retorna vivendo Dona Coisa; e a participação de Pedro Plínio Sabará, como o sedutor técnico da Telemig.

Os psicólogos que apresentarem sua carteira do CRP-04 terão 20% de desconto sobre o valor do ingresso. O Teatro Alterosa fica na Avenida Assis Chateaubriand, 499, Floresta.

Esta seção traz a resenha que o psicanalista Benilton Bezerra Jr., professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, fez sobre o livro "Psicanálise e pragmática: ensaios e escritos heréticos" (A.S. Passos Editora), de Lúcio Roberto Marzagão, psicanalista e professor do Departamento de Psicologia da UFMG. O livro foi lançado no dia 10 de junho e encontra-se à venda nas livrarias de Belo Horizonte. Quem mora no interior pode adquiri-lo pelo correio, enviando ao autor (av. Contorno, 4852, Cep 30.110.100, BH) cheque nominal no valor de R\$24,00 e indicando o endereço de onde deseja recebê-lo. Os interessados também podem contactar Eliane pelo telefone 031 292-4066 bip 1245.

"Bom para ser Pensado"

Benilton Bezerra Jr.

A publicação de *Psicanálise e pragmática: ensaios e escritos heréticos*, escrito por Lúcio Marzagão, representa uma novidade no cenário atual de publicações na área *psi*. Ao contrário do que costumeiramente ocorre, não estamos diante de mais um esforço de incensar doutrinas estabelecidas ou referendar escolas em expansão. Não esbarramos naquela sintaxe que, pretendendo ser complexa, apenas demonstra pouco apego às regras da língua portuguesa, tal é o torcicolo cultural que a inspira. A primeira qualidade do livro é a clareza com que o autor expõe suas idéias. Pode-se concordar ou discordar de seus pontos de vista, pode-se considerar sugestivos ou inaceitáveis seus argumentos, porque eles estão lá, afinal, para serem discutidos. Para um campo como o nosso, tão marcado pelo doutrinário e a política de escolas, é estimulante ver alguém convidando à troca imaginativa de idéias, saindo à chuva sem medo de se molhar.

Dentre as coisas mais interessantes e originais do livro, duas se destacam. Em primeiro lugar, a exploração do conceito wittgensteiniano de *jogos de linguagem* articulado às reflexões de Austin sobre a *força performativa* das palavras nos contextos em que são proferidas. Essa maneira de pensar a função das palavras e a ação da linguagem no encontro clínico difere do esquema teórico fundado em referências saussurianas e estruturalistas às quais temos nos acostumado nas últimas décadas. A possibilidade de abordar questões clínicas por meio desses autores deve interessar não só àqueles familiarizados ou curiosos com relação à pragmática da linguagem; aqueles que operam com a teoria do significante, por exemplo, têm uma oportunidade de contrastá-la com perspectivas diversas, verificar o que aproxima e afasta Saussure de Wittgenstein e Austin, e desse modo enriquecer seu próprio olhar sobre o tema.

Em segundo lugar, chama a atenção o expediente que o autor constrói para ilustrar seus pontos de vista e costurar seus argumentos. Lúcio procura evitar o recurso aos argumentos de autoridade tão comuns entre nós (o sutil processo de transformar ponto de vista de alguém num ponto de vista de lugar nenhum, pois embora referido a um autor, é apresentado como se fosse uma evidência, uma idéia incorrigível e indubitável, que não teria premissas discutíveis, nem necessitaria de argumentação para ser exibida). Fiel nesse ponto à perspectiva pragmática, o autor dispensa qualquer pretensão à explicação definitiva, ao vocabulário final inultrapassável. O que pretende é ampliar nossa maneira de abordar algumas questões da clínica psicanalítica, oferecendo uma descrição alternativa às existentes, usando tanto a razão ordenadora quanto a imaginação inventiva. Para isso, ao invés de manter-se nos limites descritos das apresentações tradicionais de casos clínicos, Lúcio lança mão de "narrativas clínicas", compostas não apenas por relatos de episódios efetivamente vividos em sessões, mas também de diálogos ficcionais, desdobramentos de um mesmo caso clínico - descrito de três perspectivas diferentes, e assim por diante.

O livro é composto de duas partes. A primeira é dedicada à teoria de Psicanálise, a segunda aos laços da psicanálise com campos tão diversos quanto a literatura, a política, as ciências exatas e o cinema. Nos primeiros capítulos, o autor parte da premissa de que é impossível compreender quer a práxis, quer a reflexão teórica em Psicanálise, sem conceder à linguagem papel primordial. Nenhuma novidade até aí. Afinal desde a "limpeza de



chaminé" e a *talking cure* das histéricas até a teoria do significante em Lacan, a psicanálise vem aprofundando e complexificando essa intuição freudiana.

Lúcio parte, portanto, da noção de que o sujeito é efeito de linguagem. Só há subjetividade porque somos seres falantes, porque nossa experiência é inapelavelmente mediada pelo sentido, moldada pela significação, pela força das palavras. No anti-representacionismo, no anti-mentalismo e anti-essencialismo de sua posição, Lúcio se aproxima das críticas de Lacan às versões substancialistas e psicologizantes da Psicanálise.

Mas a escolha de Wittgenstein e Austin ao invés de Saussure e Lévi-Strauss tem consequências. Lúcio põe de lado o universalismo e o apriorismo formalista da versão estrutural da linguagem, e adota como os autores pragmáticos - uma perspectiva naturalista. Lúcio passa a analisar não mais a Linguagem - entidade ou estrutura com leis universais que se oporia à pluralidade das falas singulares e contingentes - mas aquilo que o filósofo austríaco chamou de "jogos de linguagem", expressão de "formas de vida" historicamente constituídas. As palavras passam a ser descritas como "ferramentas", o seu uso como uma resposta adaptativa (no sentido darwiniano) da espécie ao meio ambiente físico ou humano. E as palavras têm efeitos: constituem o mundo humano, os sujeitos e as relações entre eles. Não apenas relatam, refletem ou espelham: elas "performam", criam, produzem no ato mesmo em que são proferidas. Usar palavras é agir, cada ato linguístico sendo *ação de um agente* que no ato se constitui, e não apenas *comportamento de um organismo* que reage a estímulos (como querem os behavioristas). Ao invés de pensar em estruturas universais, leis invariantes do psiquismo, ou "discursos sem palavras", a abordagem que Lúcio adota privilegia a força performativa da linguagem, as formações imaginárias que por ela se constituem, a multiplicidade das produções linguísticas - vale dizer subjetivas - que a clínica oferece, e o enigma singular que cada encontro clínico representa.

Para ilustrar como essa multiplicidade possibilitada pela linguagem pode incidir na clínica, Lúcio faz uso de um procedimento inventivo: um mesmo "caso" é descrito de várias formas em diferentes capítulos: o primeiro faz uma apresentação "literária", menos presa a etiquetas conceituais e mais atenta ao movimento transferencial desvelado pelo diálogo; é uma apresentação que procura mostrar como as intervenções do analista estão baseadas numa visão da linguagem que privilegia a chamada linguagem ordinária. O segundo é um relato do caso da perspectiva do analista; o terceiro é uma apresentação canônica, "cientificamente correta", e segue as regras de praxe quando apresenta um caso de neurose obsessiva.

Em outras discussões clínicas e nos textos que articulam Psicanálise com outros saberes - vale a pena ressaltar a curiosa abordagem do filme *Ligações Perigosas*, de Stephen Frears -, Lúcio atinge aquilo que todo bom livro deveria ter como meta: provocar (de *pro vocare*, chamar à fala) o leitor. Os iniciados em seitas e que fizeram votos de obediência provavelmente não gostarão. Mas os leitores de mente curiosa e espírito aberto - quaisquer que sejam suas preferências teóricas - terão na sua leitura uma ocupação charmosa. Dirão, parafraseando Lévi-Strauss, que esse é um livro "bom para ser pensado".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARZAGÃO, L. R. *Psicanálise e Pragmática: ensaios e escritos heréticos*. Belo Horizonte: A. S. Passos Editora, 1996.

LIVRO DE PSICANÁLISE

ARAXÁ

A Associação dos Psicólogos de Araxá se reuniu no dia 17 de abril de 96 para discutir a possibilidade da criação de uma cooperativa de psicólogos na região do Triângulo. Foram analisados os documentos referentes à Unipsico - Varginha, que funciona já há alguns anos, e discutiu-se a formalização da cooperativa em Uberlândia.

A Associação, agora, pretende entrar em contato com os psicólogos de Varginha para buscar mais informações e com os profissionais de Uberlândia para estudar o funcionamento de uma cooperativa na cidade.

DIVINÓPOLIS

Com o objetivo de divulgar os serviços oferecidos pelos profissionais da Psicologia, resgatar o lugar deste profissional na comunidade, abrir novos espaços de atuação e oferecer-lhe facilidades e benefícios ao adquirir bens e utilizar serviços, a Associação dos Psicólogos de Divinópolis/MG está elaborando um guia dos psicólogos da região centro-oeste.

Além de viabilizar o estabelecimento de convênios para os profissionais, o guia divulgará os nomes dos psicólogos e alguns dados, como área de atuação, local de trabalho e horários de atendimento. As pessoas que necessitarem do trabalho do profissional da Psicologia poderão recorrer ao guia, que publicará a listagem dos psicólogos dividida por cidades da região e especialidade. A publicação também terá orientações para os psicólogos sobre o funcionamento de suas instituições.

Todos os psicólogos da região serão visitados por colegas da Associação, para autorizar a entrada no guia. Maiores informações com a diretoria da entidade, que foi eleita e empossada no dia 6 de março de 96 e está funcionando temporariamente na Av. Primeiro de Junho, 411-sala 306, em Divinópolis. Tel.: (037) 221.1284.

A nova diretoria da entidade é composta por Anderson Pereira Santos, coordenador; Maria Alves dos Anjos, vice-coordenadora; Ângela Teixeira Mendes, secretária; Jociléa Micheline Rabelo, 2ª secretária; Patrícia de Vasconcelos Santos, tesoureira; Gliciany Nogueira, 2ª tesoureira; Maria da Conceição Gonçalves e Sônia Maria de Lacerda, suplentes.

JUIZ DE FORA

O Centro de Atenção Psicossocial de Juiz de Fora (CAPS), serviço do SUS inaugurado em outubro de 93 com a finalidade de oferecer atendimento transdisciplinar aos portadores de sofrimento mental, inclusive através de oficinas de arte-terapia, acabou gerando uma nova entidade que a ele se associa no sentido de contribuir para o resgate da cidadania do doente mental - trata-se da "Associação Casaviva", fundada em abril de 96.

A nova Associação surgiu das reuniões semanais realizadas entre os profissionais do CAPS e os familiares dos usuários, oportunidade em que diversas questões foram levantadas, entre elas a participação mais efetiva da família no tratamento. As reuniões, que continuam acontecendo, levaram seus participantes à construção de uma entidade que possibilitasse a horizontalização do trabalho.

A Associação Casaviva tem a finalidade de contribuir para a transformação da cultura que estigmatiza, exclui e marginaliza os que sofrem de transtornos mentais, além de incentivar a formação dos trabalhadores em saúde mental, entre outros objetivos.

Sem fins lucrativos, a entidade se sustentará através de doações e subvenções. A sua sede fica no mesmo endereço do CAPS - Rua São Sebastião, 885, Centro, em Juiz de Fora/MG. Tel.: (032) 229.7184.



UBERABA/UBERLÂNDIA

Será realizada nos dias 20, 21 e 22 de setembro de 96, no Palácio de Convenções da Faculdade de Medicina de Uberaba, a "II Reunião Anual da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro".

O encontro contará com a participação de docentes da UnB, USP, Unicamp, UFU e PUCAMP. Já está confirmada a presença da Dra. Geraldina Porto Witter, da PUCAMP, que dará um curso sobre "A Leitura na Universidade"; a Dra. Maria Alice D. Amorim, coordenadora da Pós-Graduação da Universidade Gama Filho, especialista em questões de gênero; o Dr. Bartolomeu Troccoli, da área de Psicologia da Saúde; e a Dra. Glória Gimenez, que dará um mini-curso sobre Psico-Oncologia.

Na parte da manhã os congressistas poderão escolher entre os 14 mini-cursos programados, e o período da tarde será dedicado à comunicação de pesquisas. Os interessados em apresentar trabalhos devem enviá-los à Comissão Científica até o dia 9 de agosto. Maiores informações com o Professor Antônio Ribeiro de Almeida, no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (Campus Umuarama). Tel. e Fax.: (034) 214.9487. Ou ainda pelo e-mail ANTONIO@BRUFU.BITNET.

HONORÁRIOS

O CRP-04 leva ao conhecimento de seus inscritos, clínicas, empresas e profissionais autônomos prestadores de serviços de Psicologia a tabela de referência mínima com valores atualizados para o mês de junho de 1996 (o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia manteve-se o mesmo desde julho de 95):

UP = R\$ 0,47 (Correção feita pelo IPC-R)

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Psicologia Organizacional

- Recrutamento (por vaga preenchida):

Obs: cobrança percentual em relação ao salário do cargo (custo empresa).

Até 1 salário mínimo e meio:	100%
Acima de 1 salário mínimo e meio:	75%

- Avaliação Psicológica (por laudo):

Nível Operacional: 55 UPs = R\$ 25,85

Nível Técnico: 80 UPs = R\$ 37,60

Nível Superior: 100 UPs = R\$ 47,00

- Treinamento (por hora de atividade):

130 UPs = R\$ 61,10

- Consultoria (por hora de atividade):

200 UPs = R\$ 94,00

Psicologia Clínica

- Atendimento Psicológico:

Individual: 59 UPs = R\$ 27,73

Em grupo (por participante): 35 UPs = R\$ 16,45

- Psicodiagnóstico: 582 UPs = R\$ 273,54

- Orientação Vocacional: 466 UPs = R\$ 219,02

- Atendimento Externo (hospitalar, domiciliar e outros):

140 UPs = R\$ 65,80

Para qualquer esclarecimento, entre em contato com a Câmara de Orientação e Fiscalização do CRP-04 (COF).

SETORIAIS

Escritórios setoriais do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo

Espírito Santo (EES) - Praça Getúlio Vargas, 35 sl 820 Centro, Vitória, ES - Cep 29010-350. Tel.: (027) 222-7394.

Triângulo Mineiro (ESTM) - Conselheiro residente: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro. Uberaba - Cep 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.

Zona da Mata (EZM) - Conselheiro residente: Américo Galvão Neto - Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. Cep 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

II Congresso Nacional da Psicologia

O Conselho Federal de Psicologia realizará, de 28 de agosto a 1º de setembro de 1996, na Colônia de Férias do Sesc-Venda Nova, em Venda Nova, distrito da grande BH, o "II Congresso Nacional de Psicologia". Este é um desdobramento do I Congresso Nacional de Psicologia, realizado em 1994, em Campos do Jordão (SP), quando cerca de 170 psicólogos de todo o país estiveram reunidos para reavaliar seus fazeres. Era o resultado concreto do que se denominava, então, Processo Constituinte da Psicologia.

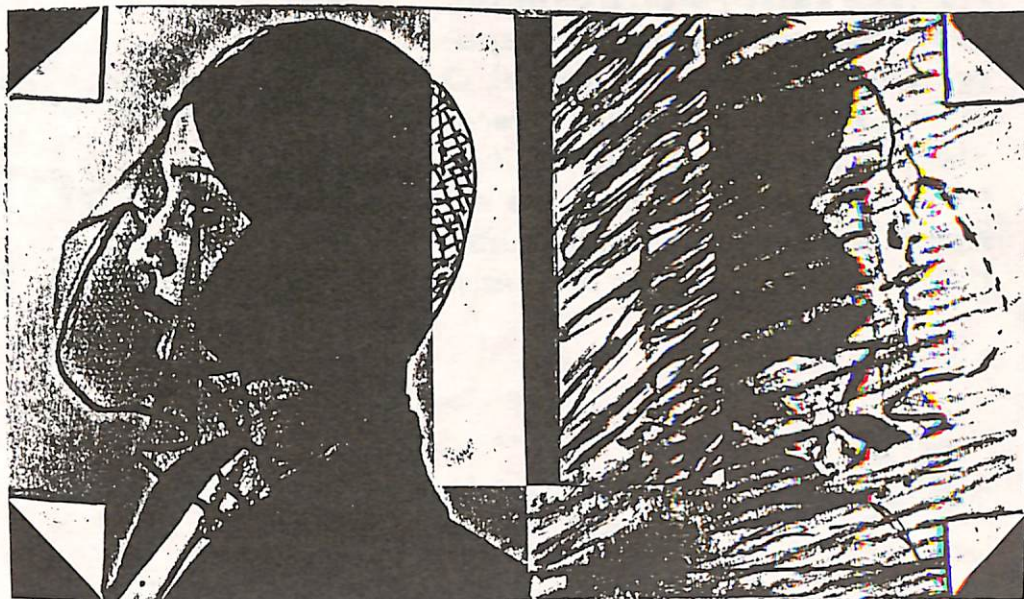
Como a Psicologia nunca havia passado por um processo de revisão, o I Congresso levantou vários temas, mas teve condições de avaliar, de fato, apenas a questão da estrutura dos Conselhos. Já o II CNP deverá abordar os temas apontados pelo Fórum de Entidades (CFP, CRs, Fenapsi e Enep) como sendo mais urgentes para os profissionais nesse momento.

Assim, o Congresso terá cinco eixos de discussão - a formação profissional, o exercício profissional, a reformulação da Lei 4.119 (de regulamentação da Psicologia), a apreciação do Ante-Projeto da Lei 5.766 (de estrutura e funcionamento da autarquia), e ainda as eleições nacionais para o Conselho Federal de Psicologia.

O II Congresso Nacional será precedido por Congressos Regionais em todo o país. O CRP-04 estará realizando o evento da 4ª Região em Belo Horizonte, nos dias 28, 29 e 30 de junho deste ano. Na ocasião, será discutido o posicionamento dos psicólogos de Minas e do Espírito Santo quanto às questões propostas pelo temário. O resultado será levado ao II CNP sob a forma de teses, onde será apreciado e deliberado, juntamente com as demais teses oriundas dos outros Estados brasileiros.

Com o objetivo de dar início ao processo e possibilitar uma participação mais efetiva dos psicólogos das diversas micro-regiões, o CRP-04, através da comissão organizadora do evento, composta pelos psicólogos Ricardo Figueiredo Moretzsohn, Fernanda Otoni de Barros, Terezinha Marta Colombo Drummond e Júlio Flávio Fernandes, organizou os chamados "Encontros Preparatórios para o II Congresso Regional de Psicologia", que aconteceram em Belo Horizonte, Vitória e diversas cidades do interior de Minas Gerais.

Esses encontros foram subsidiados por algumas questões levantadas pela comissão atinentes ao temário. Tais questões foram reunidas em um livreto distribuído aos psicólogos da 4ª Região.



MARCELO KRAISER

Movimento Antimanicomial luta por Lei Carlão

Concentrando sua ação política na exigência do reconhecimento da Lei de Extinção dos Manicômios, aprovada há um ano atrás, o Movimento Antimanicomial comemorou, no dia 17 de maio, na Praça 7, em Belo Horizonte, o dia nacional da luta.

Foram expostos produtos de diversas oficinas de arte dirigidas aos usuários e exibidos vídeos sobre o assunto. O ponto alto da manifestação foi a passeata pela Avenida Amazonas até a Secretaria Estadual de Saúde. Em frente à entidade, os manifestantes cobraram do Secretário Rafael Guerra a assinatura da regulamentação da Lei Carlão. A reivindicação foi resumida pelo mote "Guerra, vê se não emperra!", o que melhor se encaixou no momento.

De acordo com a presidente do Fórum Mineiro de Saúde Mental, que congrega as entidades envolvidas com a luta (entre elas o CRP-04), psicóloga Rosemeire Aparecida Silva, "há três meses estamos tentando uma audiência com o Secretário, mas ele não nos recebe. Até agora não temos uma posição oficial sobre a demora no encaminhamento da regulamentação da Lei para o governador assinar". A lei foi aprovada, sancionada e regulamentada por comissão nomeada pelo próprio Secretário há quase um ano.

A manifestação congregou, como vem acontecendo há cinco anos, os usuários dos serviços de saúde mental, seus familiares e profissionais envolvidos na luta. Segundo a vereadora e psicóloga Neuzinha Santos, presente no evento, "a sociedade mineira não aceita mais os manicômios, e esperamos que o Secretário não emperre mais a Lei Carlão, que é fruto de uma construção coletiva".

Oficinas - O resultado das oficinas de Arte dos Centros de Referência de Saúde Mental funcionou como uma "vitrine" do que os serviços alternativos de atenção ao doente mental podem produzir. De acordo com a psicóloga e psicanalista Mercedes Brito, membro do FMSM, "a arte é uma das vias de estabilização da psicose e um dos meios de reconstrução da cidadania do portador de sofrimento psíquico, pois o insere nos meios de produção e no trabalho junto à comunidade".

Segundo o artista plástico Roberto de Freitas, que coordena a "Oficina de Comunicação" do Centro de Referência do Carlos Prates, "o envolvimento dos usuários é total". Roberto procura trabalhar várias linguagens, entre elas o teatro, e está agora com planos de montar uma TV comunitária e uma rádio, ambas funcionando no próprio Centro. Ele ressalta que "como nós, os usuários têm uma visão elitista dos meios de comunicação. Estamos, com este trabalho, mostrando que eles podem ter acesso à produção".

O Dia Nacional de Luta Antimanicomial foi comemorado também em Uberaba, onde houve, como de costume, uma intensa programação que incluiu, entre atividades esportivas e artísticas, uma conferência com o filósofo Dr. Eric Alliez, diretor de Programas do Collège International de Philosophie de Paris, professor associado à UERJ e diretor da Coleção "Trans", da Editora 34. A conferência foi a respeito do tema "Gilles Deleuze - Filosofia Virtual".

Após uma semana de manifestações em todo o Estado, o Movimento aguarda, agora, que a lei saia da gaveta e torne-se mais um instrumento do trabalho de humanização das relações entre a sociedade e a loucura.

Nesta seção, a psicóloga e psicanalista Nilza Rocha Féres busca traçar mais um capítulo da Psicologia em Minas Gerais, resgatando a importância do trabalho do Professor Pedro Parafita de Bessa, que inaugurou este mesmo espaço na última edição do jornal. O JP compartilha com Nilza o reconhecimento ao trabalho do ilustre Professor e a tudo o que ele significa para o desenvolvimento da Psicologia em Minas e no país.

M E M Ó R I A

Nilza Rocha Féres

A modéstia do professor Pedro Parafita de Bessa

No último número deste jornal, nesta seção, encontramos o texto *Notas e achegas para uma história da Psicologia*, no qual o professor Pedro Parafita de Bessa, com a grande maestria que lhe é peculiar, expôs o percurso e avatares da Psicologia nos recantos das Minas Gerais e especialmente em Belo Horizonte. Nada mais atual, neste momento em que nossa cidade, como centenária, muita história tem para contar, devendo escrever suas memórias para que as futuras gerações saibam de suas origens e de seu legado cultural. Com uma linguagem precisa e sóbria, o professor escreveu o primeiro capítulo do livro *História da Psicologia em Minas Gerais*, que lhe compete como direito e exigência histórica continuar escrevendo.

Na tripartição da história da Psicologia em proto-história, pré-história e história propriamente dita, o autor cometeu um grande engano, omitindo o personagem central que exatamente faz a articulação destes períodos e sem o qual não seria possível explicá-los. Tenho certeza que o fez por modéstia, dando ênfase ao trabalho de seus colegas e apagando-se como autor, permanecendo apenas como narrador. Mas esta história exige uma retificação, pois embora as pessoas citadas pelo autor tenham lançado as sementes que germinariam, futuramente dando os frutos, sem a contribuição do jovem professor Pedro Parafita de Bessa, que tomou em seus ombros a tarefa de fazer germinar, crescer e multiplicar tais sementes, é certo que não usufruíamos da colheita.

Por conseguinte, em nome da verdade, da justiça e da gratidão, temos de prestar homenagens ao Emérito Professor que desprendidamente omitiu sua participação ativa e competente em todos os acontecimentos da Psicologia, que em certo momento confundia-se com o seu nome. Um retrospecto histórico é necessário. Voltemos aos anos 50, quando o jovem bacharel da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Minas Gerais é convidado pela professora Helena Antipoff para ser seu assistente na cadeira de Psicologia Educacional, por ter captado a retidão de seu caráter, o entusiasmo pelo estudo e a facilidade em empreender mudanças em direção a uma

obra. Obra que se multiplicou, desde o concurso para Livre Docente, passando pela criação do laboratório e do curso de Psicologia da UFMG, da Sociedade Mineira de Psicologia à direção do Serviço de Seleção e Orientação Vocacional -SOSP, tendo exercido cargos de direção e coordenação nos diversos setores da área, e que seria difícil enumerá-los todos. Mesmo porque não se alardeava de seu prestígio e dedicação à profissão que sempre foi sua marca registrada.

Mas é bom lembrar, pelo menos, que integrou o grupo nacional de Psicologia encarregado do estudo para a criação e legalização da profissão e dos cursos de Psicologia, em 1962.

Também foi responsável pelo primeiro Código de Ética e criação do Conselho Federal de Psicologia. Assim, estava presente em todos os acontecimentos importantes a nível nacional e internacional, sendo consultado e ouvido, e sua opinião sempre acatada e respeitada pelos colegas. E não media esforços para firmar a imagem do novo profissional que surgia. Cercado inicialmente por uma equipe inexperiente - foi necessária muita invenção e criatividade - mas com um desejo decidido de aprender e trabalhar, demonstrava sempre paciência e cuidado ao acolher as demandas de saber de cada um, sabendo conduzi-las a posições éticas no exercício da profissão. Esta, cada vez mais demandada pelos diversos setores da educação, saúde e sociedade em geral, criando as especialidades da Psicologia Educacional, Empresarial, Clínica, Comunitária, exigindo cada vez mais a formação de profissionais competentes.

E a surpreendente presença constante do professor levava à suposição do dom da *onipresença*, afinal como poderia desempenhar tantas tarefas ao mesmo tempo? Pois era convocado constantemente a dar sua contribuição no Departamento de Psicologia, na direção da Faculdade e da Reitoria e do Ministério da Educação, além de orientar teses e supervisão em todos os níveis da prática da Psicologia. E sempre com humor, transmitindo conhecimento e experiência sem fazer semblante de Mestre. E isto era dispensável, porque ensinar sempre foi para ele uma

vocação natural, um ideal presente nos mínimos atos. Mas era exigente, firme e amigo, exigindo trabalho, seriedade e ética dos que optavam pela profissão, pelos quais não se poupava na defesa de seus direitos. E foi nesta defesa que foi cassado no golpe de 1964, quando, no exercício do cargo de diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, exigindo o reconhecimento dos direitos dos estudantes, não recuou diante do autoritarismo do regime militar que pretendia invadir a Faculdade, o que lhe custou a destituição de seus cargos, a perda dos direitos políticos, sendo impedido de continuar sua missão na Universidade.

Continuando a sua luta em defesa dos direitos e da liberdade, passou a cultivar novas sementes em novos terrenos e novamente frutos puderam ser colhidos, agora na iniciativa privada, sem amargor mas com entusiasmo.

Felizmente reabilitado em suas funções, declinou do convite de reintegrar os quadros da Universidade, e com a mesma modéstia e naturalidade recebeu as justas homenagens como Professor Emérito, e não se negando a colaborar com a Universidade, continuou seu trabalho na clínica.

Sabendo que esta exposição não corresponde à importância da trajetória do Professor na História da Psicologia, quero enfatizar o dever de todos que participaram desta história em contribuir na sua escrita, colocando o seu nome no justo lugar, para que a geração atual e as futuras saibam dar as razões e contar a sua história a partir das origens, que tem no Professor Pedro Parafita de Bessa o seu marco incontestável, merecendo todas as homenagens.